



informação arquivística

Revista da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro



EDITORIAL – 12ª EDIÇÃO

Essa edição especial do periódico *Informação Arquivística* é uma parceria entre a Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ) e o Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) para comemorar os 10 anos do Programa.

Essa edição traz três artigos que discutem aspectos relacionados ao desenvolvimento e à produção científica dos egressos do Curso de Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos e a opção pela modalidade profissional, dois depoimentos de professores que fizeram parte do planejamento e implementação do Programa e uma entrevista com um pesquisador e professor espanhol que, de certa forma, colaborou para a questão da internacionalização dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

O artigo “*Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: balanço dos 10 anos da produção científica dos egressos*” de autoria de Mariana Lousada, Ana Celeste Indolfo e Cláudia Garcia apresenta uma breve contextualização da criação do PPGARQ e discorre sobre os processos seletivos realizados. Identifica o perfil dos egressos e dos atuais discentes. O PPGARQ formou 80 mestres nesses 10 anos de funcionamento e para a análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC’s) foram aplicadas as classificações temáticas dos campos de pesquisa propostas por Couture, Martineau e Ducharme (1999) e por Jardim (2012). Os resultados demonstram que os TCC’s produzidos, nesse período, caracterizam-se pela aderência à área de concentração do programa e as linhas de pesquisa dos docentes, e em sua maioria buscaram responder questões relacionadas a gestão de programas e de serviços arquivísticos.

O artigo “A autoavaliação de um programa de pós-graduação no período de excepcionalidade da pandemia da Covid-19”, elaborado pela Comissão de autoavaliação do PPGARQ, formada pelas docentes, Mariana Lousada e Ana Celeste Indolfo, e pelos discentes, Cláudia Garcia, Raquel Dias Silva Reis e Wagner Ramos Ridolphi contextualiza a necessidade desse tipo autoavaliação frente às condições impostas para o exercício das atividades acadêmicas de forma remota. Por meio da aplicação online de questionários,

junto aos discentes e docentes do Programa foi possível verificar o desenvolvimento das atividades acadêmicas, a fim de enfrentar as dificuldades vivenciadas naquele período de excepcionalidade.

O artigo “*Considerações sobre a modalidade profissional da pós-graduação em Comunicação e Informação*” de autoria de Eliezer Pires da Silva destaca o cenário atual da modalidade profissional no Sistema Nacional de Pós-Graduação no Brasil ressaltando os elementos definidores da trajetória e da caracterização do modelo brasileiro de pós-graduação *stricto sensu* profissional. Reconhece o percurso de institucionalização dos programas profissionais na área de Comunicação e Informação, considerando o horizonte de criação dos doutorados profissionais. Finaliza constatando os desafios na inovação pedagógica, na pertinência da pesquisa científica com utilidade social cada vez mais imediata e na formação reflexiva de atores sociais para além da capacitação profissional.

Os depoimentos dos professores José Maria Jardim e Luiz Cleber Gak, acerca da celebração dos 10 anos do PPGARQ, foram orientados por questões reflexivas e apresentam opiniões pertinentes advindas dos dois principais responsáveis pela concepção e articuladores da implementação do Programa.

A entrevista com o arquivista e pesquisador Joaquim Llansó Sanjuan, atualmente diretor do Serviço de Arquivos e Patrimônio Documental do Governo de Navarra, na Espanha, foi concedida aos professores Paulo Elian, Mariana Lousada e Ana Celeste Indolfo na ocasião da sua vinda e participação no PPGARQ em agosto de 2019.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer a todos, professores, egressos e discentes que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração dos artigos e depoimentos, ao senhor Alejandro Parejo pela transcrição da entrevista, na parte em espanhol, e a revisão dos textos feita por Vera Lúcia Hess de Mello Lopes.

Dra. Mariana Lousada

Dra. Ana Celeste Indolfo

Coordenação do PPGARQ/UNIRIO



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: Balanço dos 10 anos da produção científica dos egressos

Mariana Lousada¹

Ana Celeste Indolfo²

Cláudia Garcia³

RESUMO

Com o objetivo de realizar um balanço dos 10 anos da produção científica dos egressos do PPGARQ, o artigo apresenta uma breve contextualização da criação do Programa e discorre sobre os processos seletivos realizados. Identifica o perfil dos egressos e dos atuais discentes. O PPGARQ formou 80 mestres nesses 10 anos de funcionamento. Nesse estudo procurou-se verificar e analisar a produção científica, em termos quanti-qualitativos das modalidades de TCC's de um mestrado profissional: dissertação e produto técnico-científico. Para análise foi, ainda, aplica as classificações temáticas dos campos de pesquisa propostas por Couture, Martineau e Ducharme em 1999 e por Jardim em 2012. Os TCC's produzidos, nesse período, caracterizam-se pela aderência à área de concentração do programa e as linhas de pesquisa dos docentes, e buscaram responder a questões arquivísticas atuais, impactando diretamente nos ambientes profissionais dos egressos.

Palavras-chave: PPGARQ. Produção científica. Classificação temática dos TCC's.

¹ Docente permanente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília. E-mail: mariana.lousada@unirio.br.

² Coordenadora Substituta do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ). E-mail: indolfo@gmail.com.

³ Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pelo PPGARQ/UNIRIO. Graduada em Administração pela Federação das Faculdades Celso Lisboa. Assistente em Administração da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: claudiagarciamarques@gmail.com.

1 HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROGRAMA

A Arquivologia é fundamentalmente interdisciplinar, mas, para além das interfaces e zonas em que se mobilizam diferentes disciplinas na compreensão do fenómeno arquivístico, nota-se a constituição de um núcleo conceitual historicamente referenciado pela trajetória desse saber. As práticas em torno do processamento técnico dos arquivos configuram uma estrutura intelectual – ou a epistemologia dessa disciplina – ainda que se reúnam diferentes saberes ao redor de situações problema na organização da ciência. Para José Maria Jardim (2016), experiente pesquisador da área, existem três visões sobre o campo em disputa no Brasil: a visão da Arquivologia como um campo autônomo, apesar de ciência auxiliar da História; a visão da Arquivologia como uma disciplina que constitui uma subárea da Ciência da Informação (uma interpretação brasileira); e a visão de Arquivologia como uma disciplina científica, em permanente construção, mediante relações interdisciplinares com a História, a Administração, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia.

A trajetória das práticas e do saber arquivístico no Brasil não é recente. No século XIX, com a criação do Arquivo Nacional, em 1838, reconhece-se um marco histórico importante para essas práticas. No entanto, apesar da existência de diversas instituições arquivísticas, o ensino universitário para formação profissional de arquivistas foi estabelecido apenas no final da década de 1970 e a pós-graduação específica em 2012.

A noção de campo arquivístico no Brasil apreende as práticas discursivas e a distribuição de posições relacionadas entre trabalhadores dos arquivos, instituições custodiadoras de acervos arquivísticos, associações de profissionais da área, instituições de ensino de arquivologia, produtores de conhecimento arquivístico, usuários de arquivos e organizações servidas pelas funções arquivísticas.

Do ponto de vista mais concreto, há possibilidade ocupacional em torno da organização e da disponibilização de acervos arquivísticos. Essas oportunidades têm sido reivindicadas e, por diversas vezes, alcançadas não só dentro da administração pública, por uma categoria de profissionais que possuem curso superior e profissão regulamentada. No aspecto profissional, o campo da Arquivologia está se sedimentando e ocupando postos de trabalho, conseguindo, assim, construir seu campo de representação de modo mais uniforme.

A área conta, também, com uma crescente legitimação acadêmico-institucional (eventos científicos, periódicos, pesquisas de mestrado e doutorado) a serviço da compreensão do fenômeno arquivístico.

A ampliação da Arquivologia como campo científico tem suscitado novos desafios nos processos de gestão dos documentos de arquivos. A produção de conhecimento em Arquivologia tem requisitado processos inovadores em termos político-pedagógicos. A demanda por mais arquivistas com perfis diferenciados, para os setores público e privado, no Brasil, tem favorecido reformulação dos cursos de graduação e impulsionado as demandas pelas pós-graduações.

Neste ambiente marcado por novas dimensões teóricas e práticas, tem se mostrado premente, na pós-graduação, a qualificação de gestores de documentos e arquivos para atuação em serviços e instituições arquivísticas públicos e privados. Foi na perspectiva de enfrentar esses desafios que foi pensado o presente Programa.

O delineamento e a implementação do PPGARQ refletiu um momento de afirmação e amadurecimento do ensino e pesquisa em Arquivologia no plano nacional. Na UNIRIO, a área atravessou seu estágio embrionário no ambiente universitário e o curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO desenvolveu caminhos que impulsionaram a criação do Mestrado em Gestão de Documentos e Arquivos.

O processo de implantação do PPGARQ remonta a constituição da Comissão de estudos para implantação da pós-graduação *stricto sensu* em Arquivologia, pela Portaria UNIRIO nº 434, de 2008, e envolveu diversos professores do curso de Arquivologia, naquela ocasião. A redistribuição do professor José Maria Jardim da UFF para UNIRIO, a partir de maio de 2010, foi fundamental para a estruturação e organização da proposta de curso, tem sido aprovada pelas instâncias da Universidade, em 2011.

A proposta de criação do PPGARQ foi recomendada pela Comissão de Avaliação da Área e aprovada na 133ª Reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior da CAPES, ocorrida em 27 e 28 de fevereiro de 2012. O parecer da Área de Ciências Sociais Aplicada da CAPES esclarecia que:

A proposta responde, igualmente, aos parâmetros da área. Deve-se acentuar que ela inaugura uma nova experiência na qualificação de profissionais para a gestão de instituições e serviços arquivísticos. A preparação de pessoal qualificado para essas funções é essencial para responder aos desafios colocados pela sociedade em relação às políticas públicas de gestão de arquivos.

Deve-se destacar, também, que se trata do primeiro programa de pós-graduação proposto, no país, na área de Arquivologia. (CNE/CES; CAPES, 2012)

A opção pela modalidade profissional permitiu a caracterização de uma infraestrutura de ensino e pesquisa que incluiu as parcerias com o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), a Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e a Fundação Casa de Rui Barbosa.

O PPGARQ tem como missão produzir e estimular a produção de conhecimento arquivístico por meio da consecução de pesquisas teóricas e empíricas que visem ao aprimoramento dos processos de gestão, preservação e difusão dos arquivos e da informação; formando mestres qualificados para a gestão de documentos e arquivos em serviços e instituições públicos e privados; favorecendo os diálogos interdisciplinares da Arquivologia com outros campos de conhecimento científico para ampliar e consolidar os seus aspectos sociais, políticos, econômicos, cognitivos, jurídicos e éticos; e, também, colaborando para o desenvolvimento inovador de processos, produtos e serviços arquivísticos, contribuindo para a eficácia e a eficiência das organizações e o uso social, científico e tecnológico da informação arquivística.

Possui vocação específica em Arquivologia, tendo como área de concentração "Gestão de Arquivos na Arquivologia Contemporânea", e duas linhas de pesquisa, onde se desenvolvem as disciplinas e as atividades de pesquisa: a Linha 1 "Arquivos, Arquivologia e Sociedade", e a Linha 2 "Gestão da informação arquivística".

O PPGARQ da UNIRIO foi o primeiro – e, atualmente, o único – na área de Arquivologia da América Latina. Está estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, onde se concentram significativos acervos arquivísticos e importantes instituições do gênero. Destaca-se, assim, o mercado de trabalho em que, além de um complexo setor privado, conta com muitas organizações governamentais.

2 DOS PROCESSOS SELETIVOS

O regulamento do PPGARQ estabelece que serão realizados processos seletivos públicos para ingresso no Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos. Até agosto de 2022, foram realizadas e concluídas doze seleções, com divulgação no site

dos editais, etapas e resultados, totalizando 225 vagas, 433 candidatos inscritos e 139 aprovados com índice de aprovação de 32%.

A maioria das seleções ofereceu vinte vagas, com exceção das realizadas em 2013, 2014.1 e 2014.2 que ofertaram quinze vagas cada. O número de interessados que efetivaram inscrições e o número de inscrições homologadas em cada uma das doze seleções teve variação a cada ano, não indicando um número constante. Já o número de aprovados manteve-se entre oito a treze, a exceção ocorreu na seleção de 2021 com dezoito (18) aprovados, e 2022 com dezesseis (16) aprovados.

No ano de 2014 o PPGARQ realizou, excepcionalmente, duas seleções, sendo a primeira concluída em maio com ingresso no 2º semestre desse mesmo ano e uma segunda cujo ingresso dos discentes ocorreu no 1º semestre de 2015. A iniciativa teve como objetivo aumentar o número de discentes, o que de acordo com a coordenação do Programa, à época, esse objetivo foi atingido, porém, acarretando em um incremento das atividades acadêmicas e administrativas.

A seleção realizada no ano de 2020 foi interrompida por quase cinco meses devido à decretação, em março, da Pandemia da Covid-19 e a consequente paralização das atividades nas instituições de ensino superior. A seleção foi retomada em agosto e foi concluída em outubro daquele mesmo ano.

Ainda por esse mesmo motivo, e devido a necessária adoção de medidas sanitárias, as seleções de 2020, 2021 e 2022 realizaram a etapa de prova escrita de conhecimentos específicos, e as etapas de prova oral e prova escrita de língua estrangeira através de plataforma online.

Durante esses dez anos, o PPGARQ veio aperfeiçoando o planejamento e a execução dos processos seletivos, de maneira transparente, buscando atingir seu principal objetivo que é captar discentes capazes de concluir o curso e contribuir para a pesquisa na área da Arquivologia.

3 PERFIL DOS EGRESSOS E DISCENTES

Entre os egressos e discentes atualmente matriculados no PPGARQ, 91% tem formação em Arquivologia. Os demais possuem graduação em Biblioteconomia, História, Ciências Sociais, Administração e outras formações, como Direito, Geografia e Educação.

Parte dos egressos do Programa e, também, alguns dos atuais discentes tem formação em mais de um curso de graduação, além da Arquivologia. Essa formação de nível superior diversa tem possibilitado a troca de conhecimento, trazendo novas perspectivas, reflexões e contribuições para a dinâmica das aulas e na produção das pesquisas. Caber complementar essas informações assinalando que, com um percentual acima dos 50%, os discentes e egressos graduaram-se na UNIRIO, seguido pela UFF, UFES e, mais recentemente, pela UFAM.

Apesar do potencial e da desejável inserção do Programa no setor privado, a grande maioria dos egressos (80%) e discentes é servidor da administração pública (federal, estadual e municipal), e vem atuando, essencialmente, no gerenciamento de acervos arquivísticos. Por exemplo: trinta e três (33), ou seja, 41% dos egressos atuam como arquivistas e técnicos de arquivo nas IFES (universidades e institutos federais de ensino superior de diversas regiões do país: sudeste, norte, nordeste e centro-oeste); 27 (34%) são vinculados no setor público em geral; 12 (15%) no setor privado; e 4 (5%) são docentes em IFES.

Desde a primeira turma em 2012, percebe-se uma tendência dos egressos na continuidade da formação em nível de doutorado, tanto em instituições nacionais como internacionais. Ao todo são vinte (20) egressos doutores ou com o doutorado em andamento, ou seja, 25% do total, a maioria em programas na área de Ciência da Informação.

4 DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSOS

Nesses dez anos de funcionamento, o PPGARQ formou oitenta (80) mestres com 100% de trabalhos defendidos dentro do prazo regulamentar. Todos os trabalhos de conclusão de curso (TCC's) estão disponíveis no site do Programa.

Os TCC's se caracterizam pela interdisciplinaridade, pelo trânsito entre disciplinas teóricas e metodológicas, para além da aderência à área de concentração do programa e as linhas de pesquisa dos docentes, demonstrando a relevância e a pertinência das temáticas dos projetos.

Apontar quais temas e assuntos foram os mais estudados, ao longo desse período, e identificar os campos de pesquisa de interesse dos egressos é o objetivo desta seção.

Cabe ressaltar o equilíbrio na produção dos TCC's quanto à distribuição pelas linhas de pesquisa, tendo sido defendidos quarenta e um (41) vinculados à Linha 1 e trinta e nove (39) à Linha 2.

Os TCC's produzidos no âmbito do Programa podem ser na modalidade dissertação ou produto técnico científico, dessa forma foi possível obter os dados organizados no Quadro 1:

Quadro 1 – Modalidades dos TCC's

Turma	Dissertação	Produto Técnico-científico
2012	07	03
2013	05	05
2014	04	03
2015.1	04	04
2015.2	07	06
2016	04	04
2017	04	05
2018	03	08
2019	-	04
Total	38	42

Fonte: Elaborado pelas autoras com base na página do PPGARQ e da CAPES.

Destaca-se que os dados, também, demonstram um certo equilíbrio, com uma indicação de aumento no número de produtos técnico-científico produzidos pela turma de 2018.

A produção de pesquisa e do conhecimento arquivístico no país vêm sendo abordados por alguns autores, como os textos de Jardim (1998; 2012), Fonseca (1999; 2005), Silva (2012) e Marques (2018), todos defendendo que a produção científica na área da Arquivologia seja amplamente difundida e intensificada.

Para a classificação da temática dos TCC's produzidos pelo Programa, utilizou-se texto clássico de autoria de Carol Couture, Jocelyne Martineau e Daniel Ducharme em um capítulo do livro 'A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo', traduzido e publicado em 1999. Os autores apresentam a proposta de nove campos de pesquisa, descrevendo e indicando o que cada um abarca: 1) objeto e finalidade da arquivística; 2) arquivos e sociedade; 3) história dos arquivos e da arquivística; 4) funções arquivísticas; 5) gestão dos programas e dos serviços de arquivos; 6) tecnologias; 7)

suportes e tipos de arquivos; 8) meio profissional dos arquivos; e 9) problemas relativos aos arquivos.

Em 2014, Carol Couture e Marcel Lajeunesse publicaram um outro texto em que fazem referência ao trabalho de 1999 e comentam sobre os campos de pesquisa em Arquivologia propostos e as mudanças ocorridas no contexto da área no período de 2000 a 2012. Eles citam trabalhos do período que propõem outros temas para as pesquisas, porém, não acrescentam ou excluem nenhum dos nove campos propostos anteriormente.

Em 2012, em um artigo sobre ‘A Pesquisa em Arquivologia: um Cenário em Construção’, o professor José Maria Jardim, referindo-se ao contexto brasileiro, apresenta sugestões de temas para pesquisa, a partir de aspectos presentes na literatura arquivística e nas tendências, à época. São eles: 1) O perfil da atividade arquivística; 2) Usos e usuários da informação arquivística; 3) Gestão de Serviços e Instituições Arquivísticas; 4) Arquivos privados; 5) Preservação; 6) Documentos digitais; 7) Normalização; 8) Políticas arquivísticas; 9) A percepção social dos arquivos, da arquivologia e dos arquivistas; 10) Associativismo; 11) Produção e difusão de conhecimento arquivístico; 12) Docência e docentes em Arquivologia e 13) Prospectiva arquivística.

Para identificar quais foram os assuntos abordados nos TCC's produzidos por egressos do PPGARQ, realizou-se, inicialmente, o levantamento dos oitenta trabalhos disponíveis na página web do Programa, seguida da análise dos respectivos títulos e resumos, para então classificá-los segundo os nove (9) campos de pesquisa propostos no trabalho de Couture, Martineau e Ducharme (1999) e os treze (13) propostos por Jardim (2012).

Cabe salientar, desde já, que foram encontradas algumas limitações, em ambas propostas, para realizar a classificação, considerando que a tipologia proposta tanto pelos autores canadenses como por Jardim não abarca, nitidamente, todos os temas identificados na produção dos TCC's.

No Quadro 2, que apresenta a distribuição pelos campos de pesquisa dos autores canadenses é possível identificar o número expressivo de pesquisas relacionadas à gestão de programas e de serviços de arquivos (27), representando 33% do total dos TCC's. Destacando que um produto teve uma dupla classificação temática.

Quadro 2 - Classificação temática dos TCC's produzidos no PPGARQ de acordo com os campos de pesquisa propostos por Couture, Martineau e Ducharme (1999)

Ranking	Temas	Nº de TCC's	%
1º	Gestão de programas e de serviços de arquivos	27	33,33
2º	Problemas particulares relativos aos arquivos – total	17	20,98
	- Problemas particulares aos arquivos: arquivos privados	09	11,11
	- Problemas particulares aos arquivos: LAI	06	7,40
	- Problemas particulares aos arquivos: ética profissional	01	1,23
	- Problemas particulares aos arquivos: documentos de saúde	01	1,23
3º	Tecnologias	10	12,33
4º	Arquivos e sociedade	09	11,11
4º	Funções arquivísticas – total	09	11,11
	Funções arquivísticas: classificação	04	4,98
	Funções arquivísticas: identificação	03	3,70
	Funções arquivísticas: produção	01	1,23
	Funções arquivísticas: arranjo e descrição	01	1,23
5º	Suportes e tipos de arquivos	04	4,98
6º	O meio profissional	03	3,70
7º	História dos arquivos e da arquivística	02	2,46
	Total	81	100

Fonte: As autoras, a partir de dados da página da web do PPGARQ

O rol de temas proposto por esses autores não abrange todas as possibilidades de assuntos abordados nos trabalhos, por esta razão, o item Problemas particulares aos arquivos foi utilizado para abarcar dezessete (17) trabalhos sobre a Lei de Acesso à Informação (LAI), Arquivos privados, Ética profissional e documentos de saúde, resultando em 21 % os TCC's para esse item.

O item Tecnologias representa 12%, muito próximo ao alcançado pelos itens Arquivos e Sociedade (11%) e Funções arquivísticas (11%). Dentre as funções arquivísticas, destacam-se os trabalhos que abordaram a classificação (5%), identificação (4%), produção (1%), arranjo e descrição (1%). Os temas com um menor número de trabalhos são Suportes e tipos de arquivos, O meio profissional e História dos arquivos e da arquivística. Dos temas propostos pelos autores canadenses, a classificação não identificou nenhum trabalho relacionado ao tema Objetivo e finalidade da arquivística.

Quanto aos temas sugeridos por Jardim (2012), apresenta-se a distribuição da classificação temática dos TCC's no Quadro 3.

Quadro 3 - Classificação temática dos TCC's produzidos no PPGARQ de acordo com os campos de pesquisa propostos por Jardim (2012)

Ranking	Temas	Nº de TCC's	%
1º	Gestão de serviços e instituições arquivísticas	36	42,35
2º	Arquivos privados	10	11,76
2º	Documentos digitais	10	11,76
3º	O perfil da atividade arquivística	09	10,59
4º	Usos e usuários da informação arquivística	04	4,71
4º	Preservação	04	4,71
4º	Normalização	04	4,71
5º	A percepção social dos arquivos, da sociedade e dos arquivistas	03	3,53
6º	Políticas arquivísticas	02	2,35
	Produção e difusão de conhecimento arquivístico	02	2,35
7º	Associativismo	01	1,18
	Total	85	100

Fonte: As autoras, a partir de dados da página da web do PPGARQ

Observa-se que o número total de trabalhos contabiliza quatro trabalhos a mais, uma vez que em alguns deles foi identificada a possibilidade de classificação em dois temas diferentes.

O item referente ao campo Gestão de serviços e instituições arquivísticas é o de maior número (36) dentre o total dos trabalhos, representando 42%.

Com o mesmo número de trabalhos, dez (10) estão os itens Arquivos privados (12%) e Documentos digitais (12%), seguidos pelo item O perfil da atividade arquivística, com nove (9) trabalhos. Os itens seguintes, Normalização, Preservação e Usos e usuários da informação arquivística estão presentes em quantitativos iguais a 4, ou seja, com 8% dos TCC's em cada campo.

Pode-se, também, observar a partir dos dados nos Quadros 2 e 3 que há interesse na pesquisa sobre arquivos privados, a Lei de Acesso à Informação e o Acesso aos documentos de arquivo. E como não poderia ser diferente, as Tecnologias, os Documentos digitais e os temas relacionados ao mundo digital, despertam o interesse na investigação.

Dos temas de pesquisa sugeridos por Jardim (2012), não foram identificados trabalhos nos itens Prospectiva arquivística e Docência e docentes em Arquivologia.

Cabe destacar que, em ambas propostas de classificação dos campos de pesquisa em Arquivologia, a maior parte dos TCC's produzidos está relacionada com a Gestão, indicando a aderência dos trabalhos à área de concentração Gestão de Arquivos na Arquivologia Contemporânea e as linhas de pesquisa, bem como refletem o objetivo do Programa em contribuir com a consolidação e amadurecimento da Arquivologia brasileira.

A crescente produção de trabalhos que buscaram responder a questões arquivísticas institucionais vem, de alguma forma, impactando diretamente nos ambientes profissionais. Uma análise dos títulos dos trabalhos defendidos indica que os resultados das pesquisas refletem a complexidade dos fenômenos arquivísticos e a sua multidimensionalidade.

Segundo dados da pesquisa realizada por Indolfo e Lousada (2019) com os egressos do programa, a aplicabilidade dos conhecimentos, obtidos no curso, na sua área de trabalho foi considerada alta para 67% e para 25% muito alta, o que demonstra uma adequação do conteúdo das disciplinas e uma transferência da experiência da pesquisa para a área de atuação profissional uma vez que 44,% declararam que o TCC permitiu a geração de novas metodologias e de novos procedimentos e 12 % obtiveram, com o TCC, novos produtos e tecnologias.

É importante ressaltar que, o Programa esteve representado em todas as últimas edições dos principais eventos na área de Arquivologia como, o Congresso de Arquivologia do Mercosul (CAM), Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ) e o Congresso Nacional de Arquivologia (CNA). Eventos esses em que, normalmente, os egressos apresentam os produtos das pesquisas desenvolvidas durante o curso.

Cabe destacar, também, que a qualidade da produção pode ser verificada pelos prêmios recebidos pelos egressos. Em 2015, um egresso recebeu menção honrosa no Prêmio dos melhores Estudos da I Jornada de Pós-Graduação da Unirio, feito repetido em 2016 na II Jornada. Ainda, em 2016, um TCC do Programa recebeu o prêmio de melhor trabalho do GT-5 Política e Economia da Informação no XVII Enancib. Em 2017, um egresso foi contemplado com o 2º lugar do Prêmio Nacional de Arquivologia - Maria Odila

Fonseca, promovido pelo Arquivo Nacional e, no ano de 2018, uma egressa conquistou o 3º lugar desse mesmo Prêmio. Em 2019, coube a um egresso do PPGARQ o Prêmio de melhor dissertação com temáticas arquivísticas na Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (VI REPARQ), organizada pelo Fórum Nacional de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (FEPARQ).

Um impacto econômico do Programa na vida dos egressos pode ser identificado na pesquisa de Indolfo e Lousada (2019). Nos resultados dessa avaliação destaca-se que 47,9% dos egressos afirmaram que a experiência de participação no curso foi extremamente importante e 43,6% muito importante, o que totaliza 91,5% de satisfação. Com relação às consequências alcançadas na carreira, após o término do curso, foram indicadas que 64,6% alcançaram melhoria no prestígio profissional, 54,2% obtiveram aumento de salário e 50% ganharam aumento de responsabilidades.

Esses números são extremamente significativos, pois demonstram um impacto econômico direto do programa nas vidas dos egressos, e indireto nas empresas e instituições onde eles trabalham, que passam a se beneficiar da sua melhor qualificação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A composição do corpo docente, desde a implementação do Programa, buscou atender a área de concentração e linhas de pesquisa, ou seja, os professores possuem formação, projetos de pesquisas, produção bibliográfica e interesses de pesquisas que correspondem à proposta delineada, assim como a inserção dos docentes em diferentes instituições profissionais e de pesquisa reforça essa vocação.

A aderência dos docentes ao Programa é confirmada pela participação em grupos de pesquisa, certificados pelo CNPq, que colaboram para a manutenção ativa das atividades de pesquisa e formam uma rede de apoio que pode, inclusive, beneficiar os discentes. Os docentes, também, participam como pesquisadores em grupos de pesquisa em outras universidades e instituições de pesquisa. Outro aspecto importante que merece ser destacado, é que 80% do quadro atual dos docentes são revisores ou membros de corpo editorial de periódicos da área de Ciência da Informação e Arquivologia.

Vários tipos de eventos, promovidos pelo Programa, para além das atividades curriculares, têm sido positivamente avaliadas por docentes, egressos e discentes. Esses eventos acadêmicos têm buscado reunir um profissional do mercado de trabalho ou ligado à pesquisa acadêmica em Arquivologia para contribuir com os debates sejam nas Aulas Inaugurais, Mesas-Redondas, Workshops, Jornadas Arquivísticas, Diálogos Arquivísticos e Seminários de Pesquisa.

No plano internacional, foram desenvolvidas diversas iniciativas de intercâmbios com a vinda de profissionais ligados à Associação Latino-americana de Arquivos (ALA) do Conselho Internacional de Arquivos (ICA), às Universidades de La Habana (Cuba), Carlos III de Madrid e a de Salamanca, na Espanha, e ainda, ao Serviço de Arquivos e Patrimônio Documental do Governo de Navarra, na Espanha.

Buscou-se com a realização dessas ações, a consolidação do Programa por meio da ampliação e qualificação da produção acadêmica dos egressos e, também, o amadurecimento das interlocuções, interinstitucional e internacional, visando desenvolver conceitualmente a aplicabilidade da Gestão de Documentos e dos Arquivos.

**POSTGRADUATE PROGRAM IN DOCUMENTS AND ARCHIVES
MANAGEMENT AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF THE STATE OF RIO DE
JANEIRO: Balance of the 10 years of scientific production of graduates**

ABSTRACT

With the objective of balance of the 10 years of scientific production of PPGARQ graduates, the article presents a brief contextualization of the creation of the Program and discusses the selection processes carried out. Identifies the profile of graduates and current students. PPGARQ has trained 80 masters in these 10 years of operation. In this study, we tried to verify and analyze the scientific production, in quantitative-qualitative terms of the ‘final papers’ modalities of a professional master's degree: dissertation and technical-scientific product. For analysis, it was also applied the thematic classifications of the research fields proposed by Couture, Martineau and Ducharme in 1999 and by Jardim in 2012. Theses ‘final papers’ produced during this period are characterized by adherence to the concentration area of the program and the lines of research of the professors, and sought to answer current archival questions, directly impacting the professional environments of the graduates.

Keywords: PPGARQ. Scientific production. Thematic classification of the 'final papers'.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 11, de 4 de janeiro de 2013, homologa o Parecer CNE/CES nº 313/2012 e aprova os resultados da 133ª Reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior da CAPES [27e 28 de fevereiro de 2012] **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 08/01/2013. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/>>. Acesso em: 20 ago 2022.

COUTURE, Carol; MARTINEAU, Jocelyne; DUCHARME, Daniel. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo**. Finatec: Brasília, 1999.

_____; LAJEUNESSE, Marcel. **L'archivistique à l'ère du numérique: les éléments fondamentaux de la discipline**. Presses de l'Université du Québec, 2014.

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Formação e capacitação profissional e a produção do conhecimento arquivístico**. 1999. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/mesa/formao_e_capa>. Acesso em: 20 jun. 2022.

_____. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2005.

INDOLFO, Ana. Celeste.; LOUSADA, Mariana. Percepções dos egressos do Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos. 2021. In: **XIII Congresso de Archivología del Mercosur: IMPO**. p.1061-1068. Disponível em: <<https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/28722>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

JARDIM, José Maria. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-1995). **Ciência da Informação**. 1998, v. 27, n. 3, p. 243-252. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-19651998000300001>>. Acesso em: 20 jul. de 2022.

_____. A produção e difusão do conhecimento arquivístico no Brasil 1996-1999, Departamento de Documentação / Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Informação - NEINFO, UFF. Relatório parcial de pesquisa. 1999.

_____. A Pesquisa em Arquivologia: um Cenário em Construção. In: VALENTIM, M. L. P. (org.) **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 135-153.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. Os arquivos e a arquivologia nas pesquisas dos programas de pós-graduação stricto sensu brasileiros (1972-2015). **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 15-30, set./dez. 2018.

SILVA, Eliezer Pires da. Informação arquivística e Arquivologia no Brasil. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 1, p. 48-68, jul./dez., 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos. Disponível em: <<http://www.UNIRIO.br/ppgarq>>. Acesso em: 15 ago. 2022.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

A AUTOAVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO NO PERÍODO DE EXCEPCIONALIDADE DA PANDEMIA DA COVID-19

Mariana Lousada¹

Ana Celeste Indolfo²

Cláudia Garcia³

Raquel Dias Silva Reis⁴

Wagner Ramos Ridolphi⁵

RESUMO

Relata o processo de autoavaliação do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro no período de excepcionalidade da pandemia da Covid-19. Contextualiza a necessidade dessa autoavaliação frente às condições impostas para o exercício das atividades acadêmicas de forma remota. Realiza pesquisa on line, por meio da aplicação de questionários, junto aos discentes e docentes do Programa. Expõe e analisa as respostas para verificar como foi possível desenvolver as atividades acadêmicas e enfrentar as dificuldades vivenciadas nesse período de excepcionalidade.

Palavras-chave: PPGARQ-UNIRIO. Processo de autoavaliação. Pandemia da Covid-19.

¹ Docente permanente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília. E-mail: mariana.lousada@unirio.br.

² Coordenadora Substituta do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ). E-mail: indolfo@gmail.com.

³ Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pelo PPGARQ/UNIRIO. Graduada em Administração pela Federação das Faculdades Celso Lisboa. Assistente em Administração da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: claudiagarciamarques@gmail.com.

⁴ Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pelo PPGARQ/UNIRIO. Graduada em Arquivologia pela UNIRIO. Desenvolve suas atividades como Arquivista no Arquivo Nacional, ocupando o cargo de Chefe de Projetos da Coordenação Geral de Gestão de Documentos (COGED/SUGED/AN). E-mail: raqueldreis@gmail.com.

⁵ Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos pelo PPGARQ/UNIRIO. Graduado em Arquivologia pela UNIRIO. Arquivista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: wagner.ridolphi@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, em março de 2020, que o mundo vivia uma pandemia causada pelo novo coronavírus, chamado de Sars-Cov-2, responsável pelos casos de Covid-19, o que veio alterando as condições da sociedade, saúde, ciência e educação, o que fez com que instituições públicas e privadas de ensino adotassem diversas medidas administrativas, protocolos sanitários e ações internas e externas de prevenção e enfrentamento ao novo coronavírus.

Na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) a suspensão das atividades presenciais foi determinada por meio da Ordem de Serviço nº 03, de 13 de março de 2020, que incluiu os cursos de graduação e pós-graduação. Para além disso, a Universidade definiu ações educacionais, pesquisa, extensão, apoio ao servidores e assistência estudantil, entre outras⁶.

No contexto da pós-graduação, as atividades acadêmicas foram retomadas de forma remota em setembro de 2020. Após 1 (um) período de aulas remotas optou-se por realizar um processo de autoavaliação do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ) que buscou compreender as dificuldades vivenciadas pelos docentes e discentes nesse período de excepcionalidade da pandemia da Covid-19.

O Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGARQ/UNIRIO) foi instalado em 2012, inserindo-se em um contexto de alterações no cenário arquivístico internacional e brasileiro, especialmente nas últimas duas décadas do século XXI, constituindo-se no primeiro programa de pós-graduação em Arquivologia na América Latina.

O primeiro processo de autoavaliação do PPGARQ aconteceu em 2016 com a finalidade foi produzir um diagnóstico do curso na percepção da comunidade docente e discente.

De acordo com os parâmetros apresentados pelo documento do Grupo de Trabalho da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre a autoavaliação da Pós-Graduação, o qual propõe que esse processo de autoavaliação se transforme em uma tarefa incorporada às demais atividades rotineiras

⁶ <http://www.unirio.br/covid>

dos programas, foi elaborado, em 2018-2020, um Projeto de autoavaliação do PPGARQ, que buscava identificar, por comparação, o grau de superação das lacunas e dos óbices apontados na própria Ficha de avaliação da Área de Comunicação e Informação da CAPES.

Neste contexto de excepcionalidade em virtude da pandemia da Covid-19, optou-se por realizar um recorte no processo de autoavaliação levando em consideração, inclusive, o que determinam o Plano de Atividades Acadêmicas da UNIRIO ao estabelecer diretrizes, ações e estratégias de ensino-aprendizagem por meio de tecnologias de informação e comunicação e o calendário emergencial aprovado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da UNIRIO.

O objetivo do relato da experiência exposta neste artigo visa demonstrar que, mesmo perante as dificuldades vivenciadas nesse período, foi possível enfrentar e manter as atividades acadêmicas do Programa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DO PROCESSO DE AUTOAVALIAÇÃO

Para a realização da autoavaliação desse período de excepcionalidade da pandemia da Covid-19, foi criada uma Comissão composta pelas docentes que atuam na Coordenação do Programa, por uma discente, regularmente matriculada, e por dois egressos. O processo buscou avaliar como as atividades acadêmicas foram desenvolvidas, e para tal foram consultados tanto os docentes do Programa como os discentes que cursaram as disciplinas obrigatórias e optativas.

Para a pesquisa *online* foram elaborados, na plataforma Google Formulários, dois questionários, um direcionado aos 21 (vinte e um) discentes e outro aos 14 (quatorze) docentes do Programa. Os questionários foram aplicados no período de 18 a 29 de janeiro de 2021.

O questionário enviado aos discentes consta de 12 questões, sendo 11 objetivas e uma aberta, para que pudessem expressar sua opinião a respeito das atividades acadêmicas desenvolvidas de forma remota assim como, também, enfrentaram, ou melhor, vivenciaram esse período de excepcionalidade.

O questionário enviado aos docentes consta de 10 questões, sendo 8 objetivas e duas abertas, para que expressassem sua opinião sobre as alterações ocorridas no

processo seletivo, assim como, também, vivenciaram o relacionamento com os discentes nesse período.

Do total de questionários enviados, 11 (onze) docentes participaram respondendo a pesquisa, ou seja, 78%. Quanto aos discentes, obteve-se um maior índice de participação, pois 20 (vinte) responderam ao questionário, ou seja, 95% do universo pesquisado.

Na fase seguinte as respostas foram transferidas para um programa estatístico, para permitir a análise dos dados coletados e a visualização gráfica das respostas registradas.

3 IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NO PPGARQ

Os dados mensurados mostraram-se úteis para avaliar e monitorar o desenvolvimento das atividades acadêmicas nesse período de excepcionalidade da Pandemia da Covid-19, pelo qual passam a sociedade brasileira e não só os cursos de pós-graduação.

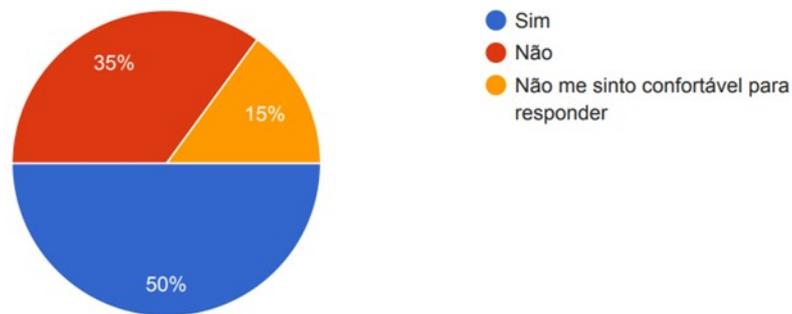
As circunstâncias impostas, nesse período, foram desafiadoras às práticas acadêmicas regulares tanto para o corpo discente como para corpo docente, pois todos tiveram que se adaptar, da melhor forma possível, para que a continuidade das atividades fosse assegurada.

A apresentação da análise dos dados se fará, inicialmente, em separado seguindo o roteiro das perguntas de cada um dos questionários.

3.1 Resultados do questionário enviado aos discentes

Em relação às orientações fornecidas pela Coordenação do Programa a respeito da manutenção de matrícula e de cursar disciplinas nesse período, a questão 1 procurou aferir como se deu esse relacionamento. 50% dos respondentes disseram que receberam informações sobre a possibilidade de não cursar disciplina ou acompanhar as atividades remotas sem prejuízo de sua matrícula no Mestrado, 35% informou que não receberam a informação e 15% não se sentiram confortáveis em responder. Deve-se considerar que os discentes ingressantes obrigatoriamente devem estar inscritos em disciplinas do primeiro período.

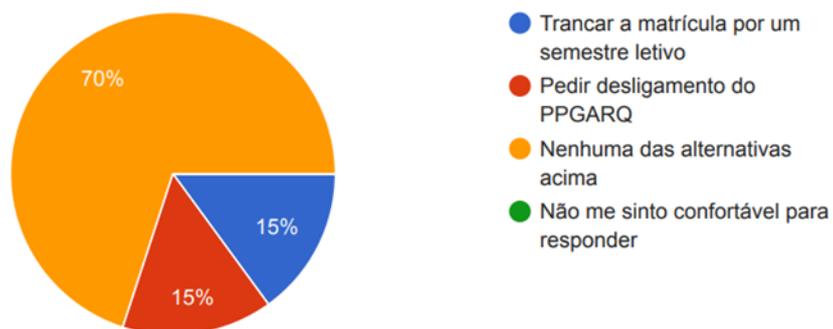
Gráfico 1 – Recebimento de orientações da Coordenação do PPGARQ



Fonte: Elaborado pelos autores

Alguns aspectos de *caráter motivacional* sobre a continuidade de participação no PPGARQ foram avaliados pelo questionário, em especial a questão 2. A maioria dos discentes (70%) não considerou interromper o mestrado, 15% informaram que pensaram em trancar matrícula por um semestre, e 15% pensaram em pedir desligamento do Programa. Porém, efetivamente, todos os discentes continuaram matriculados no Programa.

Gráfico 2 – Interrupção do mestrado profissional

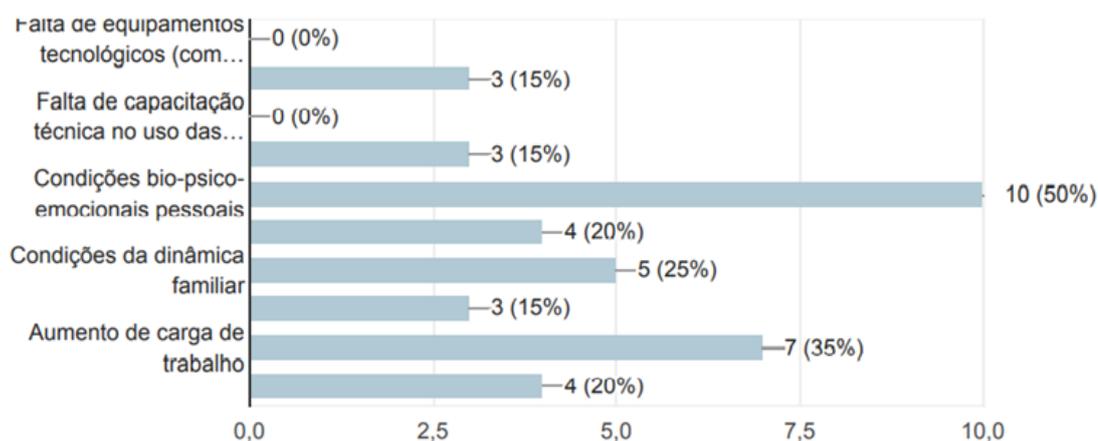


Fonte: elaborado pelos autores

Buscou-se conhecer, também, as *dificuldades vivenciadas pelos discentes*, e para tal a questão 3 apresentou um rol de situações que poderiam ser escolhidas. Assim, o problema mais indicado por 50% dos discentes foram as *condições bio-psico-emocionais pessoais*, seguido pelo *aumento da carga de trabalho* (35%). Ainda, os itens *condições da dinâmica familiar* e *condições bio-psico-emocionais familiares*, os quais requereram cuidados especiais, nesse período, foram escolhidos por 25% e 20%, respectivamente. A

falta de acesso à internet, a falta de capacitação pedagógica para atividades remotas e o ambiente domiciliar não favorável foram indicados por 15% das respostas, e 20% informaram *não se sentir confortável para responder*. Nenhum discente marcou as opções que envolviam a *falta de equipamentos tecnológicos* (computador, notebook, celular, etc.) e a *falta de capacitação técnica no uso das ferramentas digitais*.

Gráfico 3 – Dificuldades vivenciadas pelos discentes



Fonte: elaborado pelos autores

A questão 4 propôs um questionamento específico sobre *as aulas ministradas*, e 90% das respostas indicaram que as disciplinas oferecidas contribuíram para os respectivos projetos de pesquisa e 10% disseram que contribuíram parcialmente.

Quanto à necessidade de *adaptação do conteúdo programático das disciplinas*, de acordo com o calendário extraordinário emergencial, arguido na questão 5, 45% informaram que não houve impacto no ensino-aprendizagem, 40% disseram que o impacto foi parcial, apenas 10% indicaram que houve impacto e 5% não se sentiram confortável em responder.

Gráfico 4 – Impacto no ensino-aprendizagem



Fonte: elaborado pelos autores

Foi solicitado aos discentes, na questão 6, que informassem sobre o *respectivo desempenho nas aulas remotas* e 20% responderam que foi muito satisfatório e uma expressiva maioria, 80%, responderam como satisfatório, não havendo indicação de desempenho insatisfatório ou muito insatisfatório.

Aos discentes foi pedido, na questão 7, uma avaliação das *atividades de orientações para o desenvolvimento dos TCC*, observou-se um equilíbrio nas respostas, tendo 40% informado que essas atividades foram desenvolvidas, porém com alguma dificuldade, 30% que foram desenvolvidas normalmente e, apenas, 30% informou que não foi desenvolvida. Há que se considerar que os discentes ingressantes não desenvolvem, normalmente, atividades de orientação.

Gráfico 5 – Manutenção das atividades de orientação dos TCC's



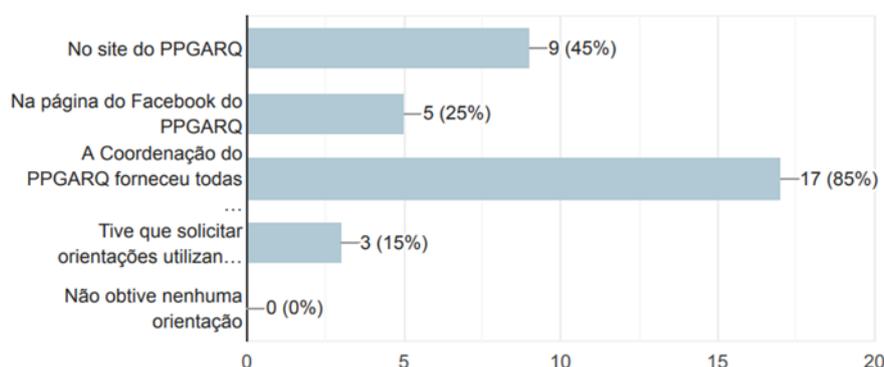
Fonte: elaborado pelos autores

Quanto à avaliação do *desempenho dos docentes* nas aulas, aferida na questão 8, as respostas dos discentes dividiram-se em muito satisfatória (45%) e satisfatória (55%), sem respondentes considerando insatisfatória ou muito insatisfatória.

Ao se levar em conta as excepcionalidades impostas pela Pandemia da Covid-19, os discentes foram questionados, na questão 9, sobre as *expectativas em relação ao PPGARQ*, tendo, *expressivamente*, 90% informado que estão sendo atendidas inteiramente e, apenas, 10% disseram estarem sendo atendidas parcialmente.

Com referência à busca por informações sobre o funcionamento do PPGARQ, que foi apresentada na questão 10, a maior parte das respostas (85%) indica que a Coordenação do PPGARQ forneceu todas as informações necessárias, seguida pela opção de consulta ao site do PPGARQ (45%). Nessa questão o respondente poderia assinalar mais de uma das opções apresentadas.

Gráfico 6 – Obtenção de informações sobre funcionamento do PPGARQ



Fonte: elaborado pelos autores

Quanto à avaliação das *plataformas digitais escolhidas para ministrar o conteúdo das disciplinas*, proposta pela questão 11, a maioria dos discentes, 90%, indicou que tais plataformas foram totalmente apropriadas e somente 10% informou que foram, parcialmente, apropriadas. Nenhum dos respondentes considerou inapropriadas ou mesmo que elas podem ser revistas e ampliadas.

A questão 12, por ser uma pergunta aberta, propôs aos discentes a possibilidade de avaliar tanto a sua motivação para fazer parte do Programa como o relacionamento com demais discentes.

Cerca de 63% informou que continuam motivados em participarem do PPGARQ, 10% encontram-se desmotivados e 10% optaram por não responder. Quanto ao relacionamento com os demais colegas de turma, para 53% foi considerado ótimo ou bom, para 10% ele é apenas profissional e os demais não comentaram esse aspecto. Nessa questão em específico, destacam-se alguns depoimentos favoráveis ao desenvolvimento do PPGARQ, nesse período:

“O PPGARQ (como um todo - discentes e docentes) têm se apoiado ao máximo neste período emergencial, sendo em forma de percepção das dificuldades de cada um, respeito, empatia e muita força para com todos os envolvidos. Apesar de todas as dificuldades, minha maior motivação é saber que todos estamos juntos e que mesmo a vida não ajudando muito em questões de problemas pessoais, profissionais ou de caráter psicológico, o apoio recebido em todo esse período me faz querer seguir em frente.

“Em alguns momentos, ocorreram dúvidas, como qualquer ser humano neste momento, pois a excepcionalidade nos colocou num período de teste de nervos. No entanto, foi justo o mestrado, e este programa em particular, que soube conduzir, nos deixando super à vontade durante todo esse período. O mestrado fez parecer que, pelo menos, alguma meta estava sendo seguida, um objetivo pelo menos não parecia congelado e seguia. O programa foi super compreensível e soube deixar a todos motivados para seguirem, apesar da pandemia. Todos os professores acessíveis, motivadores e inspiradores”.

Ressalta-se, ainda, o papel da manutenção das atividades e a força que o relacionamento, em geral, teve para a continuidade e permanência no Programa:

“Acredito que seja inegável que aulas presenciais nos permitiriam experiências mais fluidas e de maior robustez nas discussões. No entanto, as alas síncronas estão superando as minhas expectativas e permitindo que eu participe das aulas mesmo estando em outra região,..”

“Minha motivação sempre esteve em alta no sentido de seguir o cronograma e a disciplinas. A turma é excelente e tem um relacionamento muito bom tanto entre si, como com os docentes.”

“Quanto ao relacionamento com os demais discentes a turma tem sido muito unida, de forma digital, por meio de outras plataformas, o que tem ajudado bastante na compreensão das demandas dos docentes e até na absorção de conhecimento.”

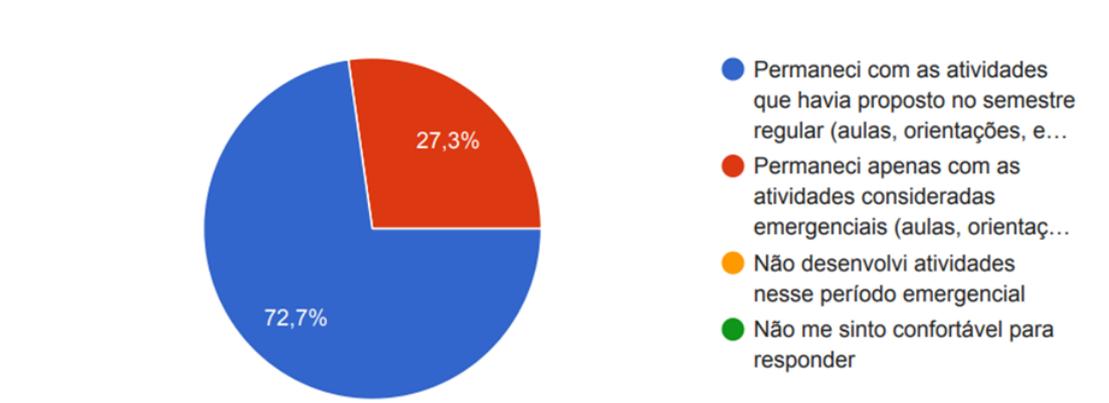
Além dos aspectos motivacionais e de relacionamento houve, também, a apresentação de sugestões baseadas no uso da tecnologia remota para pós-pandemia:

“Eu estou muito motivada com o Programa, neste período emergencial, apesar do contexto social ruim. As aulas à distância [sic] estão funcionando bem e acredito que é um formato bom para o mestrado que poderia ser estendido, mesmo que parcialmente, pós período emergencial.”

3.2 Resultados do questionário enviado aos docentes

O primeiro questionamento feito aos docentes diz respeito à *manutenção da proposta de oferta regular de disciplinas para os semestres de 2020.1 e 2020.2*; 73% responderam que mantiveram as atividades propostas para o período regular e 23% apenas procurou atender as atividades emergenciais.

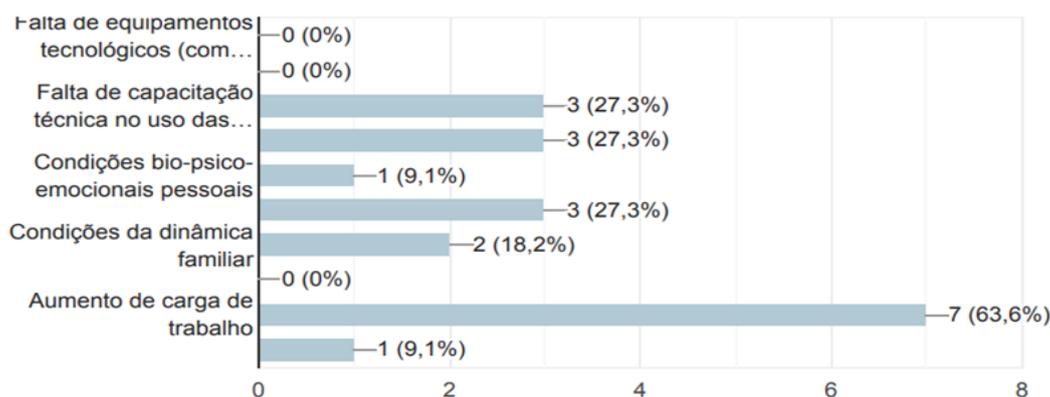
Gráfico 7 - Manutenção da oferta de disciplinas pelos docentes



Fonte: elaborado pelos autores

Quanto à *realização das atividades acadêmicas, de forma remota*, a questão 2 buscou conhecer quais às *dificuldades vivenciadas pelos docentes* nesse período e, dentre um rol de situações apresentadas, o problema indicado por 64% dos docentes foi o aumento da carga de trabalho. A *falta de capacitação técnica no uso das ferramentas digitais*, a *falta de capacitação pedagógica para atividades remotas* e as *condições bio-psico-emocionais familiares que requerem cuidados*, também, foram apontadas por 27% dos respondentes. Contudo, não apontadas entre as dificuldades vivenciadas a falta de equipamentos tecnológicos e de acesso à internet assim como o ambiente domiciliar não favorável.

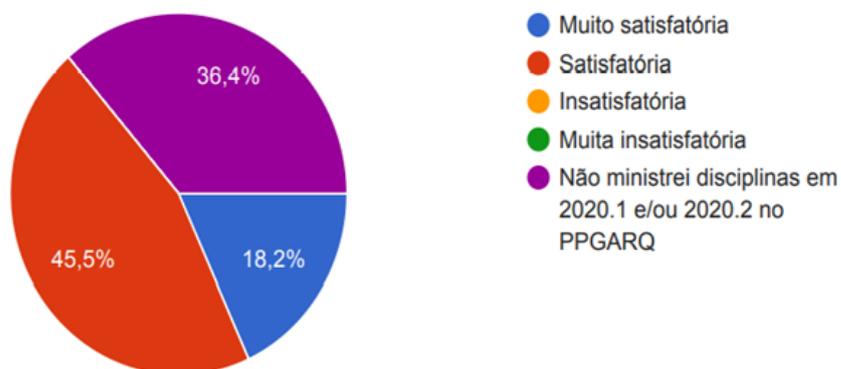
Gráfico 8 – Dificuldades vivenciadas pelos docentes



Fonte: elaborado pelos autores

Com relação ao *aspecto motivacional*, a questão 3 indagou aos docentes o grau de satisfação ao ministrarem disciplinas nesse período, de forma remota, sendo demonstrado por 64% dos docentes, que ministraram disciplinas, um nível de satisfatório a muito satisfatório.

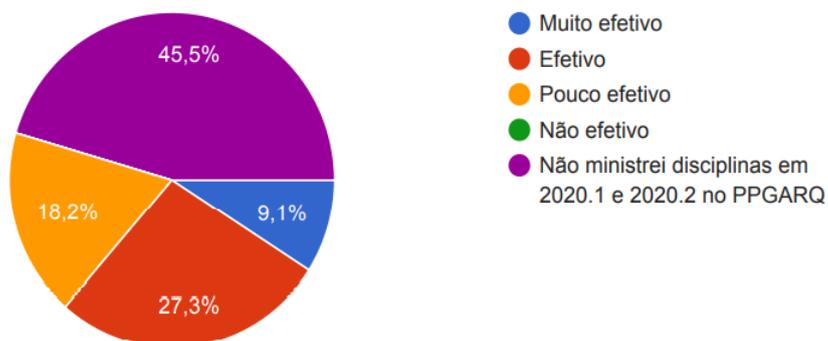
Gráfico 9 – Grau de satisfação para ministrar disciplinas



Fonte: elaborado pelos autores

Quanto ao *grau de efetividade na relação ensino-aprendizagem* foi indagado aos docentes, na questão 4, como se deu o aproveitamento, participação, assiduidade e desempenho dos discentes nas disciplinas por eles ministradas, de forma remota, tendo 36% respondido que foi efetivo a muito efetivo o resultado alcançado, porém 18% apontou que foi pouco efetiva essa relação.

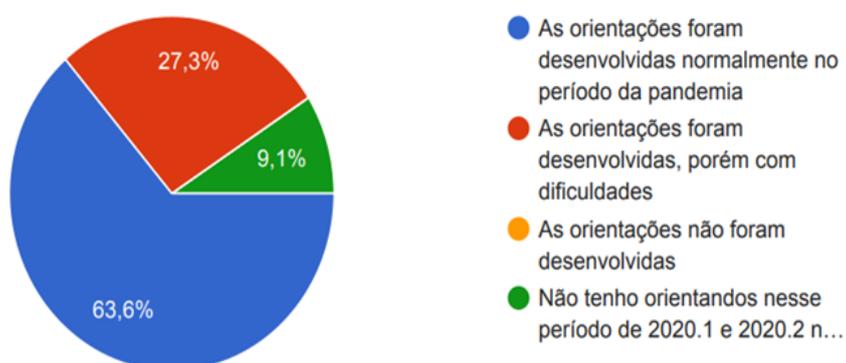
Gráfico 10 – Grau de efetividade do ensino-aprendizagem



Fonte: elaborado pelos autores

As perguntas 5 e 6 envolveram os questionamentos quanto ao *acompanhamento, pelos docentes, das orientações das pesquisas para a elaboração dos TCC's, bem como a realização das defesas, de forma remota*. Para 64% dos docentes que, nesse período de excepcionalidade, mantiveram as orientações, elas continuaram normalmente, mas para 27% elas ocorreram com algumas dificuldades. Apenas 9% dos docentes não desenvolveram atividades de orientação no período.

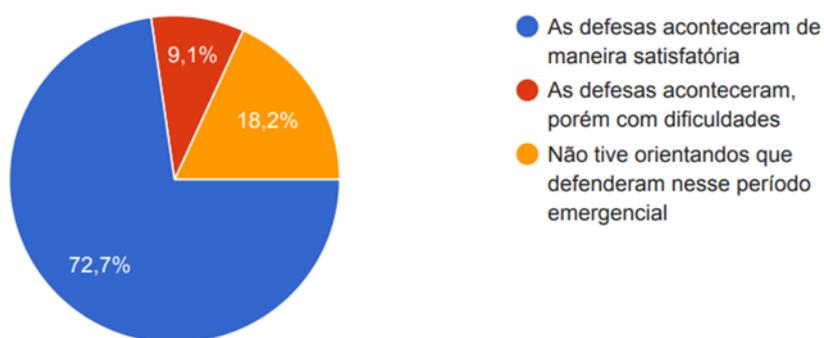
Gráfico 11 – Manutenção das orientações para elaboração dos TCC's



Fonte: elaborado pelos autores

Entre aqueles que participaram de defesas de TCC's, de forma remota, 73% afirmou que elas aconteceram de maneira satisfatória e 9% que elas aconteceram com algumas dificuldades.

Gráfico 12 – Participação de defesas de TCC's de forma remota



Fonte: elaborado pelos autores

As questões 7 e 8 envolveram a *avaliação da comunicação e do relacionamento dos docentes com a gestão e a coordenação do Programa*, nesse período emergencial, assim como a *participação nas ações desenvolvidas*. Com relação a esse envolvimento, o grau de resposta atingiu 91% de satisfatório a muito satisfatório nas duas questões, ficando a insatisfação em apenas 9%.

Como é sabido de todos, em razão do período emergencial foi necessário a readequação do Edital do processo seletivo discente realizado em 2020.2, por esse motivo a questão 9, especificamente, solicitou sugestões, aos docentes, para a realização do próximo processo seletivo, neste ano de 2021, pois acredita-se que diante da manutenção dos problemas sanitários este será realizado de forma remota.

Entre as sugestões encaminhadas, destacam-se as seguintes a serem incluídas no Edital de seleção e, também, a serem observadas pela próxima Comissão de seleção:

“Constar claramente do Edital a forma como deverá ser realizada a prova sobre o conhecimento específico, uma vez que não será possível realizar a prova dissertativa. O aluno deverá estar preparado para responder de forma oral as questões propostas”.

“Sugiro continuar sem a prova de línguas estrangeiras e separar a prova oral sobre o projeto e currículo da prova oral de conhecimentos específicos em duas etapas diferentes”.

“O processo seletivo baseado em análise de projeto e currículo, seguida de prova oral e entrevista, naturalmente, deixa um peso grande para essa segunda etapa. Os alunos que participaram do processo seletivo 2020.2 não pareciam preparados para a prova oral. Creio que deve ficar mais claro, no edital, o que se espera dessa fase do processo de seleção”.

“[...] creio que todos os ajustes deverão ser feitos dentro do horizonte limitado que a pandemia nos reserva; em outras palavras, melhorar o que for possível com as ferramentas que dispomos”.

“Nada a acrescentar nesse sentido. Penso que o processo tem sido bem conduzido”.

“Nada a acrescentar ao excelente trabalho da Comissão instituída”.

A questão 10, por ser uma pergunta aberta nos moldes da questão 12 dos discentes, propôs, também, aos docentes a possibilidade de avaliar tanto a sua motivação para fazer parte do Programa, neste período emergencial, como o seu relacionamento com os discentes.

Cerca de 82% informou que se manteve e que continua, de alguma forma, motivado em participar do PPGARQ, 9% optou por não responder e 9%, por ter contraído a Covid-19, informou que teve prejudicada a sua participação nas atividades acadêmicas e, também, individuais. Aqui, cabe destacar que o percentual de 9% equivale a um docente.

“Componho o Programa desde o seu início. Acredito na colaboração particular plasmada ao perfil de cada docente”.

“A motivação e o relacionamento com os discentes permaneceram iguais ao período com as atividades regulares”.

“Perfeitamente satisfatória apesar dos problemas que os contatos remotos algumas vezes nos apresentam”.

“Mantenho minha motivação para com o Programa e os discentes”.

“Normal, em minha opinião tanto a motivação para continuar no Programa como o relacionamento com os discentes permanecem da mesma forma”.

“Minha motivação continua como antes, porém [...] é preciso destacar que outras condições se impuseram a esta realidade, impactando de certa forma o nosso fazer, criando alguns limites”.

“Me senti relativamente motivada. Como muitos, também, experimentei um aumento de carga de trabalho, já que às atividades profissionais se somaram tarefas domésticas. Além disso, não é possível desconsiderar as angústias de uma conjuntura de incertezas e desgoverno. Em linhas gerais, porém, considero que as tarefas de orientação transcorreram bem, apesar das dificuldades dos alunos. Os prazos tiveram que ser revistos e a cobrança teve que ser modulada levando em conta as situações particulares”.

“As minhas atividades individuais e coletivas foram prejudicadas pelo fato de ter contraído a COVID-19 e ter passado boa parte dos meses de novembro e dezembro internada em CTI. Encontro-me, ainda, em fase de recuperação domiciliar, usando equipamento de apoio (oxigênio) para dormir e realizando atividades de fisioterapia respiratória e muscular”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa autoavaliação foi monitorar o desenvolvimento das atividades acadêmicas, nesse período de excepcionalidade da Pandemia da Covid-19, uma vez os docentes e os discentes do Programa passaram, e ainda passam, por situações individuais e coletivas que afetaram, e também ainda afetam, o exercício regular e rotineiro de suas atividades pessoais e profissionais.

Pelas respostas obtidas com a aplicação dos questionários foi possível aferir que, apesar das circunstâncias impostas, tanto o corpo docente como o corpo discente empenharam-se para que as atividades acadêmicas, e também administrativas no caso da Coordenação do PPGARQ, fossem desenvolvidas de maneira satisfatória a fim de assegurar as exigências do ensino-aprendizagem na modalidade remota.

Nem mesmo as condições bio-psico-emocionais pessoais e familiares apontadas como uma das mais fortes dificuldades enfrentadas impediram a participação nas atividades remotas, tanto que nenhum discente pediu o desligamento do Programa no período mesmo sabendo-se que alguns tivessem sido atingidos pela Covid-19.

Mesmo com o aumento da carga de trabalho apontada pelos docentes como um forte fator de dificuldade vivenciado, nesse período de excepcionalidade, impediu que mais de 70% mantivesse o desenvolvimento das atividades acadêmicas proposto para os semestres regulares.

Acredita-se que as opiniões expressas confirmem o empenho dos discentes e docentes no efetivo cumprimento das atividades e proposições deste Programa.

THE SELF-ASSESSMENT OF A POSTGRADUATE PROGRAM IN THE EXCEPTIONAL PERIOD OF THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

It reports the self-assessment process of the Graduate Program in Document and Archive Management at the Federal University of the State of Rio de Janeiro in the exceptional period of the Covid-19 pandemic. It contextualizes the need for this self-assessment in view of the conditions imposed for the exercise of academic activities remotely. Conducts online research, through the application of questionnaires, with students and teachers of the Program. It exposes and analyzes the

answers to verify how it was possible to develop academic activities and face the difficulties experienced in this exceptional period.

Keywords: PPGARQ-UNIRIO. Self-assessment process. Covid-19 pandemic.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MODALIDADE PROFISSIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Eliezer Pires da Silva¹

RESUMO

Destaca-se o cenário atual da modalidade profissional no Sistema Nacional de Pós-Graduação no Brasil. Apresenta-se os elementos definidores da trajetória e da caracterização do modelo brasileiro de pós-graduação *stricto sensu* profissional. Reconhece-se o percurso de institucionalização dos programas profissionais na área de Comunicação e Informação, considerando o horizonte de criação dos doutorados profissionais. Constata-se os desafios na inovação pedagógica, na pertinência da pesquisa científica com utilidade social cada vez mais imediata e na formação reflexiva de atores sociais para além da capacitação profissional.

Palavras-chave: Mestrado profissional. Doutorado profissional. Modalidade profissional de pós-graduação.

1 INTRODUÇÃO

A modalidade profissional é uma realidade confirmada no Sistema Nacional de Pós-Graduação - SNPG no Brasil. Em 2020, alcançamos 843 programas com cursos de mestrado e/ou doutorado na modalidade, isso representa aproximadamente 20% do SNPG. Esse cenário aponta que os programas profissionais

¹ Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Arquivista do Arquivo Nacional lotado na Coordenação de Apoio ao Conselho Nacional de Arquivos. Professor efetivo do Departamento de Arquivologia da UNIRIO, atuando na graduação em Arquivologia, no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos e no Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Coordenador dos Programas Profissionais da área Comunicação e Informação na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mandato 2018-2022. E-mail: eliezerpires@gmail.com.

devem cada vez mais serem concebidos e avaliados com parâmetros específicos, além de apoiados dentro do sistema de bolsas, nada aquém dos programas acadêmicos. Na modalidade profissional “o objetivo é um direcionamento claro para encontrar o caminho da resposta a uma pergunta específica proposta pela área profissional” (QUELHAS; FARIA FILHO; FRANÇA, 2005, p. 99)

A área de Comunicação e Informação, anteriormente denominada Ciências Sociais Aplicadas I, compreende a Ciência da Informação, a Comunicação e a Museologia, contando com programas de Pós-Graduação que abrangem, ainda, a Arquivologia, a Biblioteconomia e o Jornalismo. Sua expansão nas últimas décadas encontra suas referências nas implicações e demandas socioculturais contemporâneas envolvendo comunicação e informação. Essa constituição interdisciplinar marca a organização da área.

Em 2022, a área de Comunicação e Informação conta com 18 cursos de mestrado profissional em funcionamento. 20% dos programas dessa área de avaliação são da modalidade profissional. Na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes em 2013 eram apenas 5 mestrados profissionais na área. Houve uma expansão de 260% em 9 anos.

O texto se estrutura, além desta introdução, em seções que indicam o cenário atual da modalidade profissional no Sistema Nacional de Pós-Graduação no Brasil, os elementos caracterizadores do modelo brasileiro de pós-graduação *stricto sensu* profissional, a institucionalização dos programas profissionais na área de avaliação Comunicação e Informação e o horizonte dos doutorados profissionais.

2 PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU PROFISSIONAL NO BRASIL

Desde o parecer 977/65, do então Conselho Federal de Educação, vislumbrou-se a criação de cursos com orientação profissional. No entanto, a implantação do Sistema Nacional de Pós-Graduação visou prioritariamente o atendimento da formação de professores e pesquisadores para a própria pós-graduação (FISCHER, 2003).

Foi na década de 1990 que a Capes apresentou movimentos concretos pela formulação do modelo e da regulação de pós-graduação *stricto sensu* profissional. O debate envolveu, em especial, a demanda por uma ampliação dos objetivos do SNPG,

contemplando a formação de profissionais, além de pesquisadores. Para Melo e Oliveira (2005, p. 108)

Buscou-se com a realização dessas ações, a consolidação do Programa por meio da ampliação e qualificação da produção acadêmica dos egressos e, também, o amadurecimento das interlocuções, interinstitucional e internacional, visando desenvolver conceitualmente a aplicabilidade da Gestão de Documentos e dos Arquivos.

a análise sugere que a introdução dos cursos de mestrado profissionais, em fins dos anos 90 no Brasil, parece estar voltada para sua diferenciação em relação aos tradicionais cursos de mestrado acadêmico então existentes, fundamentada numa maior aproximação entre produção acadêmica e práticas laborais, bem como na discussão promovida pela Capes acerca da necessidade de acolher em sua sistemática de avaliação propostas de cursos de pós-graduação voltadas mais diretamente às necessidades do mercado de trabalho.

A Portaria nº 47, de 17 de outubro de 1995, estabeleceu parâmetros para cursos de mestrado dirigidos à formação profissional dentro do sistema de pós-graduação stricto sensu no país.

Trata-se então da construção de marcos conceituais analíticos em articulação com setores da sociedade para, dessa forma, criar os mecanismos da aplicabilidade dos resultados da pesquisa. É uma inserção dos mestrados na sociedade e, portanto, uma maior aproximação e articulação entre a universidade e a realidade social. (NEGRET, 2008, p. 219)

Segundo Fischer (2003, p. 121), “Verificou-se, a partir daí, o crescimento anual do número de propostas de cursos de mestrado profissional aprovadas pela CAPES: quatro em 1997, seis em 1998, 24 em 1999, 22 em 2000 25 em 2001, perfazendo 106 em 2002.” A emergência da modalidade profissional no SNPG foi acompanhada de debate e reflexão.

Um marco importante para a consolidação do Mestrado Profissional na estrutura da Capes foi o seminário “Para além da Academia”, organizado pela direção da Fundação, no campus da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), de 29 de março a 1º de abril de 2005. Nesse evento, a direção da Capes, os representantes de áreas e convidados debateram os temas centrais dos cursos profissionalizantes, como a demanda, o financiamento, a estrutura e a abordagem dos cursos e a transferência do conhecimento para a sociedade [...] uma outra iniciativa marcante foi a dos coordenadores dos cursos de Mestrado Profissional, notadamente das instituições públicas ou de caráter público, que se organizaram num Fórum Nacional. O primeiro encontro foi em maio de 2006, em São Paulo, o segundo foi no começo de novembro em Campo Grande, com mais de 40 participantes, e o próximo no começo de maio de 2007, em Manaus. Nessas reuniões, além da troca de experiências, podem-se levantar as preocupações e as expectativas de quem está administrando esse tipo de curso. (AGOPYAN; LOBO, 2007, p.294)

Atualmente há dois dispositivos essenciais de regulamentação específica da modalidade profissional no âmbito do SNPG. As disposições normativas vigentes sobre o mestrado e doutorado profissionais são a Portaria MEC nº 389/2017, que instituiu o doutorado profissional, e a Portaria CAPES nº 60, de 20 de março de 2019.

Pela Portaria 389, de 23 de março de 2017, do Ministério da Educação, ficou instituído no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, tanto o Mestrado quanto o Doutorado profissionais. Os objetivos estão voltados para a capacitação de profissionais qualificados para o exercício da prática profissional, alinhada com as demandas sociais, organizacionais e do mercado de trabalho. Reconhece-se a premência de transferir conhecimento para a sociedade, apoiando diretamente o desenvolvimento nacional, regional ou local.

É a capacitação para a prática profissional transformadora por meio da incorporação do método científico. Volta-se para um público preferencialmente oriundo de fora da academia e destina-se à gestão, produção e aplicação do conhecimento orientado para a pesquisa aplicada, a solução de problemas, a proposição de novas tecnologias e aperfeiçoamentos tecnológicos. (BARROS; VALENTIM; MELO, 2005, p.131)

Nessa modalidade profissional há características específicas na produção intelectual, inserção social e público-alvo. A configuração de parceria com instituições, empresas, agências de governo e afins são evidências do potencial impacto do programa. Para Castro (2005, p.19), há um componente de horários que devem ser desenhados para o público:

O mestrado profissional é, sobretudo, voltado para profissionais que querem avançar seus conhecimentos, sejam funcionários de empresas, sejam professores. Ou seja, é um mestrado para quem trabalha. E quem trabalha tem noites, fins de semana e férias para estudar. Se os programas não se adequarem ao perfil da clientela, por que criá-los?

As condições de infraestrutura e comprometimento institucional com o programa na modalidade profissional determinam seu êxito e sustentabilidade de maneira especial. Em uma proposta de curso novo esse compromisso precisa ir além da sinalização formal de instâncias superiores da instituição, uma vez que a implantação do programa depende da garantia de um corpo docente permanente estável, com disponibilidade para a pesquisa e a atividades de ensino voltadas para o universo das práticas profissionais. Para Feltes e Baltar (2005, p. 74)

A qualificação dos profissionais que atuam em diferentes áreas de conhecimento é uma exigência tanto mercadológica quanto social em sentido amplo. Empresas públicas e privadas buscam cada vez mais otimizar serviços, rever sistemas de custos, atender clientes, enfim, resolver problemas de toda ordem que envolvam as características de seus produtos e serviços. Um curso de formação *stricto sensu*, então, pode ser visto como importante mecanismo de ajuste social entre instituições que há muito tempo deveriam estar dialogando em prol do desenvolvimento integrado de campos de conhecimento e campos de aplicação e, mais do que isso, o desenvolvimento de conhecimentos que visem ao incremento da eficiência e eficácia de diferentes setores da sociedade.

Os formatos dos trabalhos de conclusão precisam se ancorar na relevância, na inovação e na aplicabilidade para o segmento da sociedade na qual o egresso atuará. Atenderão às demandas da sociedade, no espectro do objetivo do Programa, dispondo do método científico e o estado da arte do conhecimento. De acordo com Fischer (2005, p. 28) o trabalho de conclusão precisa demonstrar

domínio do objeto de estudo, além da investigação aplicada à solução de problemas que possa ter impacto no sistema a que se dirige. Deve conter a descrição e discussão dos resultados, conclusões e recomendações de aplicações práticas e serem ancoradas em um referencial teórico. O seu conteúdo pode incluir, por exemplo, resultados de estudos de casos, desenvolvimentos e descrição de metodologias, tecnologias e softwares, patentes que decorrem de pesquisas aplicadas.

A proposta de novo curso deve apresentar atentar para as justificativas de sua criação, é preciso demonstrar da demanda existente. Sendo o doutorado profissional, deve incluir aspectos de diferenciação com relação ao mestrado profissional e com os doutorados acadêmicos. Explicitar os impactos esperados quanto à inovação e à transformação da realidade na qual deseja atuar, com sustentabilidade.

Tanto a criação quanto a permanência de um programa profissional no SNPG precisam envolver consistência em suas dimensões de autoavaliação, demanda, relevância e impacto no desenvolvimento econômico e social, produção intelectual (bibliográfica e técnica), acompanhamento de egressos, internacionalização e inovação.

3 A MODALIDADE PROFISSIONAL NA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Na área de Comunicação de Informação os primeiros mestrados profissionais entraram em funcionamento em 2012. Metade da expansão no número de cursos da área desde 2013 foi na modalidade profissional, e esse vigor aponta para a demanda por

consolidação dos parâmetros de sua caracterização e cultura de avaliação que lhe seja específica.

No documento de área publicado na página da área de Comunicação de Informação no site da Capes em 2019², a visão sobre a modalidade profissional confere ênfase na formação de profissionais qualificados para o exercício da prática profissional, atendendo a demandas sociais e organizacionais do mercado de trabalho. Assume-se compromisso com produção de conhecimento aplicada com o objetivo de participar da solução de problemas das organizações públicas e privadas, bem como inovação e transformação social.

A modalidade profissional não se diferencia da modalidade acadêmica quanto ao prazo de formação e rigor teórico-metodológico exigidos na pesquisa acadêmica. Diferenciam-se pela pesquisa aplicada, produzindo diagnósticos, soluções e inovações para o mundo do trabalho. Desse modo, observam-se especificidades em relação a possibilidade de incluir em seu corpo docente profissionais com qualificação acadêmica e reconhecida expertise no mundo profissional; perfil discente com atuação profissional que permite investigar suas práticas e locais de trabalho; produtos técnico-científicos envolvendo diagnósticos, consultorias, pareceres, instrumentos, diretrizes de trabalho, indicadores, normas técnicas, modelos, projetos de implementação.

A trajetória dos egressos dessa modalidade aponta para uma expressiva configuração de impactos da pesquisa por intermédio de resultados implementados. Nesse sentido, para além dos canais tradicionais de comunicação científica por meio de produtos bibliográficos, a produção intelectual se apresenta de forma significativa pela produção técnica e tecnológica.

Estamos diante do horizonte de uma oportunidade de avanço na área. As características e expectativas que se tem em relação ao doutorado profissional configura uma tarefa de formação de profissionais altamente qualificados para a prática profissional avançada e transformadora em diferentes contextos.

Nesse sentido, objetiva-se a construção compartilhada de conhecimento para a sociedade por meio da solução inovadora de problemas, atendendo a demandas sociais,

² <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/colégio-de-humanidades/ciencias-sociais-aplicadas/comunicacao-e-informacao>

organizacionais e do mercado de trabalho no desenvolvimento científico e tecnológico, para além da carreira de pesquisador e docente. Busca-se ampliar a produção de pesquisas estratégicas e o desenvolvimento de setores produtivos e no setor de políticas públicas, atendendo demandas específicas e de arranjos produtivos com vistas ao desenvolvimento nacional, regional ou local.

Desse modo, tem-se por objetivo aproximar a pesquisa básica de compreensão dos fenômenos aos problemas concretos e à inovação. É uma dimensão da pesquisa científica em que a produção bibliográfica e técnica expressa um diálogo com a prática profissional.

O doutorado profissional na área diferencia-se do acadêmico na medida em que se vincula a pesquisa à sua aplicabilidade e à proposição de soluções para problemas do cotidiano social e organizacional. O perfil do egresso do doutorado profissional se caracteriza pela produção de conhecimento e soluções originais de problemas complexos em seu campo de atuação. Em relação ao mestrado profissional distingue-se pelo escopo da situação problema ser mais abrangente; o programa de pesquisa é mais extenso; e a mobilização de recursos teórico-metodológicos apresenta maior complexidade.

Portanto, os doutorados profissionais precisam promover uma nova dinâmica de pesquisa aplicada à realidade social e organizações públicas e privadas, considerando um redimensionamento estratégico do produto, objetivos do curso, perfil do egresso, alinhamento entre área de concentração, linhas de pesquisa e estrutura curricular.

Precisamos planejar nossos mestrados e doutorados profissionais nos marcos de seus objetivos:

- Capacitar profissionais qualificados para práticas avançadas, inovadoras e transformadoras dos processos de trabalho;
- Transferir conhecimento para a sociedade;
- Contribuir para agregação de conhecimentos;
- Atentar aos processos e procedimentos de inovação;
- Produzir conhecimentos inovadores para soluções de problemas de alta complexidade.

O horizonte da implementação dos doutorados profissionais está desenhado. A expansão do número de programas e cursos da modalidade profissional na área de

Comunicação e Informação promoverá o fortalecimento da modalidade e deve ser acompanhada pelo aprimoramento do processo de avaliação e valorização desta formação de profissionais em alto nível por meio da pesquisa aplicada. Considerando os desafios da coordenação de área na Capes, destaca-se a seguir alguns aspectos:

- Assegurar a representatividade dos PPG profissionais na composição dos grupos e comissões de avaliação, no âmbito da área;
- Promover a elaboração pareceres da avaliação que representem devolutivas aos Programas com clareza, precisão e fundamentação acadêmica e técnico-científica;
- Ampliar o diálogo com a comunidade, com ênfase na preparação para avaliação Capes;
- Estabelecer entendimentos claros sobre a avaliação do Impacto na Sociedade de nossa produção intelectual;
- Aprimorar a compreensão na área sobre os destaques da produção intelectual e suas comprovações com vistas a avaliação quadrienal da Capes;
- Aprofundar o entendimento da área sobre as possibilidades de Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade profissional;
- Ampliar a interação entre os programas profissionais da Informação, Museologia e Comunicação;
- Aprofundar a caracterização dos doutorados profissionais na área;
- Aprimorar a avaliação da produção técnica-tecnológica.

Precisamos cada vez mais de diálogo, acolhimento dos pensamentos diferentes, busca pela harmonização das particularidades e atitude conciliadora com vistas a contribuir com o desenvolvimento da pós-graduação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na modalidade profissional, conforme indicaram Wood Jr. e Paes de Paula (2004), temos o desafio pedagógico referente a iniciativas inovadoras de promoção do aprendizado e abordagens didáticas diferentes, para além do formato das aulas expositivas.

Reafirmamos a perspectiva formulada por Silveira e Pinto (2005) sobre a necessidade de ênfase na dimensão em que a modalidade profissional precisa atuar na formação reflexiva de atores sociais para além de capacitá-los em determinada problemática da atuação profissional.

Concordamos com o entendimento de Schwartzman (2009) sobre as relações entre a pesquisa científica, o interesse público e as demandas do setor privado sobre a produção de conhecimento. A modalidade profissional expressa uma emergente institucionalização da pesquisa científica com utilidade social mais imediata.

Em 2005, quando era o Diretor de Avaliação da Capes, Renato Janine Ribeiro formulou:

No MP [mestrado profissional], também deve ocorrer a imersão na pesquisa, mas o objetivo é formar alguém que, no mundo profissional extemo à academia, saiba localizar, reconhecer, identificar e, sobretudo, utilizar a pesquisa de modo a agregar valor a suas atividades, sejam essas de interesse mais pessoal ou mais social. (RIBEIRO, 2005, p.15)

CONSIDERATIONS ON THE PROFESSIONAL MODALITY OF POSTGRADUATE STUDIES IN COMMUNICATION AND INFORMATION

ABSTRACT

The current scenario of the professional modality in the National Postgraduate System in Brazil stands out. The defining elements of the trajectory and characterization of the Brazilian *stricto sensu* professional postgraduate model are presented. The path of institutionalization of professional programs in the area of Communication and Information is recognized, considering the horizon of creation of professional doctorates. There are challenges in pedagogical innovation, in the relevance of scientific research with increasingly immediate social utility and in the reflective training of social actors beyond professional training.

Keywords: Professional master's degree. Professional doctorate. Postgraduate professional modality.

REFERÊNCIAS

AGOPYAN, V.; LOBO, R. O futuro do mestrado profissional. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 4, n. 8, p. 293-302, 2007.

BARROS, E. C.; VALENTIM, M. C.; MELO, M. A. A. O debate sobre o mestrado profissional na Capes: trajetória e definições. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 124-138, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-graduação-PNPG 2011-2020**. Brasília, DF: CAPES, 2010.

CASTRO, C. M. A hora do mestrado profissional. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 16-23, 2005.

FELTES, H. P. M.; BALTAR, M. A. R. Novas perspectivas para mestrados profissionais: competências profissionais e mercados regionais. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 72-78, 2005.

FISCHER, T. Mestrado profissional como prática acadêmica. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 24-29, 2005.

_____. Seduções e riscos: a experiência do mestrado profissional. **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 2, p. 119-123, 2003.

MELO, K. V. A.; OLIVEIRA, R. R. Origens e desenvolvimento institucional de um mestrado profissional. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 105-123, 2005.

NEGRET, F. A identidade e a importância dos mestrados profissionais no Brasil e algumas considerações para sua avaliação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 5, n. 10, p. 217-225, 2008.

QUELHAS, O. L. G.; FARIA FILHO, J. R.; FRANÇA, S. L. B. O mestrado profissional no contexto do sistema de pós-graduação brasileiro. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 97-104, 2005.

SCHWARTZMAN, S. A pesquisa científica e o interesse público. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 1, n. 2, p. 361-395, 2002.

SILVEIRA, V. O.; PINTO, F. C. S. Reflexões necessárias sobre o mestrado profissional. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 2, n. 4, p. 38-47, 2005.

WOOD JR., T.; PAES DE PAULA, A. P. O fenômeno dos MPAs brasileiros: hibridismo, diversidade e tensões. **Revista de Administração de Empresas**, v. 44, n. 1, p. 116-129, 2004.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

10 ANOS DO PPGARQ: Depoimento de José Maria Jardim

José Maria Jardim¹

Depoimento do Prof. Dr. José Maria Jardim acerca dos 10 (dez) anos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGARQ/UNIRIO), discorrendo sobre questões propostas para a edição especial da revista Informação Arquivística.

A experiência do PPGARQ na modalidade profissional confirma a característica aplicada da pesquisa em Arquivologia?

Na concepção do PPGARQ a opção pela modalidade de mestrado profissional não resultou do fato da Arquivologia ser uma ciência social aplicada. Essa correlação não é a premissa que norteia o planejamento de um programa de pós-graduação. Diversos campos científicos se enquadram nessa categoria e encontram-se majoritariamente sob o desenho do mestrado acadêmico ou ambas as modalidades. É interessante assinalar que muitos mestrados acadêmicos, se submetidos a uma revisão dos seus conteúdos, propostas e resultados, provavelmente seriam enquadrados como mestrados profissionais.

A Professora Tânia Fischer, da área de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA), desenvolveu experiências brilhantes na área de mestrado profissional e tem reflexões inspiradoras sobre o tema. Ela proferiu a primeira aula inaugural do PPGARQ. Entre outras, há uma afirmação dela que gosto muito e foi muito importante para nós no PPGARQ: “todo mestrado profissional é acadêmico”. Na experiência

¹ Professor Titular aposentado do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenou o Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO) de 2011 a 2015, do qual foi professor até 2018. Tem experiências profissionais nas áreas de Arquivologia e Ciência da Informação, abordando principalmente os seguintes temas: gestão de arquivos, políticas públicas de informação, políticas de arquivos, governo eletrônico, ensino e pesquisa em Arquivologia, direito à informação e gestão da informação governamental. E-mail: jardimbr@gmail.com.

brasileira, o mestrado profissional é razoavelmente recente. Surge em meados dos anos de 1990 e é regulamentado em 1998. Em 2009, uma Portaria do MEC consolida ainda mais essa modalidade de mestrado num contexto de maior amadurecimento com várias experiências bem avaliadas. As primeiras reflexões sobre o PPGARQ se deram sob a perspectiva do mestrado acadêmico. No entanto, a perspectiva do mestrado profissional ganhou espaço à luz do cenário institucional daquele momento, do contato com experiências bem-sucedidas de vários mestrados profissionais e da percepção coletiva de um grupo de docentes do Departamento de Arquivologia da UNIRIO de que essa modalidade de pós-graduação poderia oferecer várias janelas de oportunidades no campo arquivístico. Não foi uma “escolha de Sofia”. Foi muito consciente, apesar do fato de existir à época - e talvez ainda exista, equivocadamente - um certo preconceito em relação ao mestrado profissional. Dez anos depois, creio que foi a opção correta porque favoreceu a viabilidade do PPGARQ em vários níveis e, também, pelos notáveis resultados alcançados. Penso que o PPGARQ é um ótimo exemplo da potência da modalidade de um mestrado profissional.

A contemporaneidade entre o PPGARQ e a REPARQ revelam um momento, e um ambiente, de afirmação da pesquisa em Arquivologia no Brasil?

A I Reunião Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (REPARQ) foi realizada em 2010 como fruto do crescimento dos cursos de Arquivologia no país e de anos de reflexões e iniciativas de docentes, pesquisadores e alunos de pós-graduação voltados para a pesquisa na área. É impossível desassociar esses antecedentes dos movimentos de renovação e afirmação da Arquivologia como campo científico no plano internacional, especialmente após os anos de 1990. Na I REPARQ, a pós-graduação na área é abordada como um dos fundamentos para o crescimento científico e acadêmico da Arquivologia no Brasil. Na II REPARQ, em 2011, foi aprovada a criação um grupo de trabalho para a elaboração de documento-base para a CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, vinculada ao MEC) sobre mestrado profissional em Arquivologia. Além disso, foi aprovada uma moção, dirigida à CAPES, sobre “a importância de criação de mestrados em Arquivologia no país, nos termos do

Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020”. É muito evidente, portanto, a conexão do PPGARQ com a REPARQ.

Na sua opinião, quais são as perspectivas da pós-graduação em Arquivologia no Brasil? Qual a razão [ou alguma explicação] para a “exclusividade” do PPGARQ durante esses 10 anos de existência?

Pessoalmente, gostaria que fossem muito mais amplas do que a realidade parece impor, mas tenho dúvidas quando confrontado com a realidade atual. De um lado, temos a situação geral da educação e pesquisa no país, extremamente comprometidas pelas políticas do Governo Federal. Se for possível a melhoria desse cenário em breve, aí incluída a pós-graduação, sabemos que não é uma reconstrução fácil. Do outro, há um processo de inserção, em várias universidades, de docentes em Arquivologia em programas de pós-graduação de diversas áreas, sobretudo em Ciência da Informação. É essa cadeia acadêmico-organizacional oferecida para desenvolvimento de suas carreiras profissionais na pós-graduação. A criação de programas de pós-graduação em Arquivologia nesse contexto parece ser inibida por essa configuração e cultura acadêmica que resulta de uma arquitetura institucional na qual a CAPES é uma das suas bases. A quem interessa a Tabela de Áreas de Conhecimento da CAPES, em vigor desde 1984, que insere a “Arquivologia” como subárea da Ciência da Informação? Certamente, não à Arquivologia. Esses elementos favorecem, no Brasil, uma espécie de “colonização” da pesquisa e pós-graduação em Arquivologia pela Ciência da Informação institucionalizada. Tenho dúvidas sobre a ampliação da pós *Stricto Sensu* em Arquivologia no curto prazo. Dez anos depois da sua criação, só temos o PPGARQ, inserido numa estrutura acadêmica muito singular porque a UNIRIO tem as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia institucionalizadas em Escolas e programas de pós específicos em suas áreas.

A trajetória do PPGARQ aponta para o doutorado?

Essa é a tendência. É um caminho difícil porque, apesar da dimensão científica da área no plano internacional, a configuração institucional que mencionei anteriormente não é um fator favorável, mas a trajetória do PPGARQ permite projetar essa possibilidade de forma consistente. Há legitimidade acadêmica para tal. Podemos ter várias teses de

doutorado com temática arquivística em programas de pós de outras áreas, mas é fundamental um Doutorado na área. Há uma demanda nacional com vocação para a América Latina e países do universo lusófono.

Qual a sua avaliação em relação à interdisciplinaridade das pesquisas no âmbito do PPGARQ?

Enquanto estive vinculado ao PPGARQ e desde a sua concepção a interdisciplinaridade e outros níveis de diálogos da Arquivologia com outros campos de conhecimento sempre esteve presente no projeto pedagógico, linhas de pesquisa e projetos de pesquisa de docentes e alunos. Sei que essa perspectiva segue presente. E não poderia ser de outra forma. A Arquivologia é um campo científico eminentemente interdisciplinar. Sempre afirmei que não se faz Arquivologia apenas com o conjunto de conhecimentos arquivísticos que sustentam a área, por mais potentes que sejam. Porém, diálogos multi, pluri, interdisciplinares, como sabemos, são construções que requerem esforço teórico e metodológico dos atores envolvidos. Esse é um aprendizado constante. Historicamente, a interdisciplinaridade está presente, de forma geral, na cultura arquivística, nos seus saberes e fazeres. Em alguns momentos, certos diálogos se deram e continuam se dando com a História e a Administração. Mais recentemente, com outras áreas e, no Brasil, com bastante ênfase, com a Ciência da Informação. Hoje parecem bem mais equilibrados esses diálogos que evidentemente nunca são simétricos. Num Mestrado em Arquivologia, o desafio é favorecer um ambiente acadêmico em que esses diálogos tenham amplo espaço, ao mesmo tempo em que as clássicas e, sobretudo, novas e emergentes abordagens da área estejam presentes como ponto de referência do ensino e da pesquisa. É a partir do reconhecimento desse aparato complexo de conhecimentos arquivísticos que a interdisciplinaridade se coloca na área e sobretudo na pós-graduação. Seja como for, essa dimensão interdisciplinar da Arquivologia não implica em desconhecer - como ainda acontece no Brasil por parte de algumas áreas - suas especificidades e autonomia como campo científico, características que confluem para a importância da pós-graduação, mestrado e doutorado, na área.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

10 ANOS DO PPGARQ: Depoimento de Luiz Cleber Gak

Luiz Cleber Gak¹

Depoimento do Prof. Dr. Luiz Cleber Gak acerca dos 10 (dez) anos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGARQ/UNIRIO), discorrendo sobre questões propostas para a edição especial da revista Informação Arquivística.

Breve introdução

A ideia de um programa de pós-graduação na área específica de Arquivologia estava presente nas conversas entre alguns professores do Departamento de Arquivologia (DEPA) há algum tempo, pelo menos desde o início dos anos 2000. Naquela época, não havia professores de Arquivologia, com doutorado, em número suficiente para dar início a uma iniciativa de criação de uma pós-graduação. Mas, a ideia e a vontade estavam sempre presentes. E nós da UNIRIO precisávamos de uma pessoa como José Maria Jardim para capitanear esse projeto.

Bem, dizem que os astros conspiram a nosso favor. Um certo dia, em 2005 ou 2006, eu e Julia Bellesse encontramos, por acaso, o professor José Maria Jardim. Tomamos um café e conversamos bastante, falando da possibilidade de transferência dele, que era professor da Universidade Federal Fluminense (UFF), para a UNIRIO. Ele prometeu pensar no assunto e que entraria em contato. Depois de algum tempo marcamos uma conversa no gabinete da Pró-Reitoria de Planejamento da UNIRIO, conversamos e ele aceitou o nosso convite para fazer parte do corpo docente da UNIRIO.

¹ Professor Titular aposentado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO) até 2016. Possui Graduação em Arquivologia pela UNIRIO, Mestrado em Memória Social pela UNIRIO e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Experiência na área de Educação, Educação a Distância, Arquivologia. E-mail: luizgak59@gmail.com.

Assim, nós demos início aos trâmites da transferência que se efetivou com a concordância dos reitores Malvina Tuttman (UNIRIO) e Roberto Salles (UFF).

Por que criar o PPGARQ?

Até aquele momento, 2008-2010, no Brasil só existiam programas acadêmicos em outras áreas do conhecimento como Ciência da Informação, História, Ciências Sociais etc. Outras áreas também, próximas da Arquivologia, e no próprio Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, já estavam criando seus específicos programas como a Museologia e a Biblioteconomia e muitos dos nossos egressos insistiam que pudéssemos trabalhar em uma proposta na área específica de Arquivologia. Havia demanda e muito anseio.

Na realidade, nós do Departamento de Arquivologia já estávamos refletindo sobre a possibilidade da criação de uma pós própria com o intuito de fortalecer a área e qualificar os arquivistas para atuação, não apenas na academia, como professor, mas também no mercado de trabalho, como gestor de processos arquivísticos públicos e privados.

Outro motivo relevante no processo de criação do Programa dizia respeito ao fortalecimento do campo epistemológico da Arquivologia e a emergência de novos paradigmas conceituais e práticos que implicaram nos diferentes modos de produção da área arquivística.

Tendo em vista as múltiplas dimensões do campo arquivístico, principalmente o seu caráter inter/transdisciplinar, e o complexo diálogo com a esfera tecnológica, a nossa reflexão estava articulada à formação de um curso que expressasse a síntese teórico-metodológica das principais tendências da Arquivologia no mundo contemporâneo.

Qual era o contexto de criação do PPGARQ?

Era o melhor momento do mestrado profissional no Brasil e nós, que estávamos antenados com essas questões da pós-graduação, vimos a melhor oportunidade para esse desenvolvimento. Além disso, a nossa vocação arquivística aspirava por um mestrado profissional somando as questões acadêmicas com as questões do mercado.

As condições eram completamente favoráveis, contatos estreitos com todas as instituições arquivísticas no Rio de Janeiro e no Brasil como: Arquivo Nacional, Arquivo

Público do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Museu Histórico Nacional etc. Enfim, tínhamos tudo para dar partida à concretização desse sonho.

E, naquele momento, em nível nacional, havia a proposta do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) instituído pelo Decreto nº 6.096, de abril de 2007 e apresentado às universidades em 2008 com uma adesão de quase todas as universidades brasileiras.

O REUNI objetivava a ampliação do acesso com o melhor aproveitamento da estrutura física: cada universidade receberia investimentos para aplicação em ações de contratação de docentes e servidores administrativos, aquisição de equipamentos para laboratórios, salas de aula, bibliotecas, construção de prédios etc.

Foi um dos melhores momentos em nível de investimento na universidade pública e era a oportunidade para se criar os programas de pós, porque haveria estrutura para tal.

As metas do REUNI eram: alcançar a relação de 18 alunos para cada professor; e a elevação da taxa de conclusão média dos cursos de graduação presenciais para 90%.

E para atingir essas metas era necessário: redução da taxa de evasão; ocupação das vagas ociosas; aumento do número de vagas ofertadas, principalmente no turno da noite.

Nesse contexto, havia o suporte para a pós-graduação no desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação.

O eixo analítico perspectivado na construção do curso de Mestrado em Arquivologia esteve pautado na formação da capacidade crítico-reflexiva e na autonomia como estruturantes curriculares, o que pressupunha a formação profissional altamente qualificada com competência para tomar decisões e criar dispositivos para atuação na sociedade complexa.

Assim sendo, o contexto acadêmico para a criação do PPGARQ foi fruto das novas condições sociais da universidade pública brasileira no que dizia respeito à autonomia dos saberes como tecido constitutivo da cidadania e ao seu fortalecimento como instituição formadora democrática.

Qual foi o seu envolvimento no processo?

No momento da transferência do Professor José Maria Jardim para a UNIRIO, eu era Pró-Reitor de Planejamento da UNIRIO e, na ocasião da implantação do PPGARQ, eu acumulava a Pró-Reitoria com a função de Decano do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH), onde o Programa iria figurar.

O meu comprometimento no processo de criação do PPGARQ foi total, me predispondo a estabelecer as pontes necessárias na universidade para facilitar a implantação do Programa e participando de todo o processo de implantação. Contudo, penso que fui um colaborador do professor José Maria Jardim.

Eu assumi não apenas um compromisso político e intelectual, mas sobretudo estabeleci um diálogo com os atores sociais, protagonistas do campo da Arquivologia nas universidades brasileiras, a fim de contribuir para a criação do Programa. Eu estive na escuta atenta às diferentes vozes que pudessem concorrer para a elaboração de um currículo voltado para a dimensão social da Arquivologia.

Todo o envolvimento dispensado apontava no sentido de deixar um relevante legado acadêmico para a Arquivologia, de modo a concorrer para a formação continuada altamente qualificada com experiência social e crítica.

Por que há razões para comemorar os 10 anos do PPGARQ?

Algumas palavras podem sintetizar os motivos para comemorar os 10 anos do PPGARQ: **dedicação, competência e resistência.**

Se o Programa não fosse dedicado, competente e resistente não estaria completando uma década com grandes possibilidades de completar muitas outras décadas de vida.

Sem querer detalhar, vejo que as instituições públicas federais estão sendo cada vez mais descuidadas e descontinuadas, seja por fatores internos ou externos. As áreas ligadas à Educação e Cultura estão se degradando pelo abandono e desprezo.

Completar 10 anos de vida nesse cenário sinistro em que vivem as instituições é para comemorar e comemorar muito. Portanto, parabéns ao PPGARQ e a todos que resistiram durante todos esses anos e espero que continuemos a resistir.

Portanto, a celebração de uma década de existência do nosso Programa expressa motivos de estímulo e orgulho, significa que a aposta acadêmica por nós projetada e realizada colheu os seus frutos na formação de mestres, pesquisadores e gestores altamente qualificados.

Dez anos depois, a fé na iniciativa continua a mesma?

Sim, a fé continua a mesma e penso que até aumentou porque a demanda também cresceu e precisamos seguir em frente, suportando e fortalecendo os laços que unem a sociedade e a universidade. retribuindo com o que melhor sabemos fazer que é compartilhar o conhecimento para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

O décimo aniversário do Programa legitima a nossa fé e reacende a perspectiva de dar continuidade ao compromisso de formação na área, principalmente pela manutenção e preservação do caráter interdisciplinar da nossa proposta curricular.

Por que valeu a pena criar o PPGARQ?

Sem querer ser repetitivo, valeu a pena criar o PPGARQ porque devíamos esse tipo de programa a sociedade e o retorno ao mercado é visível com profissionais mais qualificados para o enfrentamento de situações do cotidiano.

Os mestres formados em Gestão de Documentos e Arquivos são profissionais habilitados ao exercício pleno da gestão de documentos e arquivos em âmbito público e privado, com muita qualidade social e acadêmica.

Em suma, valeu a pena porque possibilitou a chave para a abertura de novas oportunidades no competitivo mercado de trabalho, bem como promoveu novas chances de atualização dos conhecimentos profissionais da área nas suas diferentes esferas de atuação.

O que diria para quem está cursando e para quem está pensando em ingressar?

Para quem está cursando eu diria parabéns, você está fazendo um dos melhores cursos de pós-graduação que existe no Brasil. Aproveite tudo o que puder, seja persistente, não desista, curta cada momento. Esse Programa foi criado com muita competência e muito amor para o aprimoramento do arquivista no Brasil. Os professores

são excelentes, qualificados e envolvidos com a causa de ensino, pesquisa e extensão e sempre lutaram para oferecer o melhor... Aproveite mesmo!

Para quem está pensando em ingressar no PPGARQ é importante ir em frente porque essa pós vale muito a pena e vai mudar a história de sua vida e de sua comunidade para melhor.

Sorte e sucesso a todos! Gostaria de reafirmar minha gratidão, respeito e admiração pelo professor José Maria Jardim, pois sem ele o Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos não existiria. Agradeço a todos.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

ENTREVISTA COM JOAQUIM LLANSÓ SANJUAN

Paulo Roberto Elian dos Santos¹

Mariana Lousada²

Ana Celeste Indolfo³

No dia 28 de agosto de 2019, o professor Joaquim Llansó Sanjuan, Diretor do Serviço de Arquivos e Patrimônio Documental do Governo de Navarra, Espanha, concedeu uma entrevista para os professores Paulo Roberto Elian dos Santos, Mariana Lousada e Ana Celeste Indolfo, por ocasião de sua passagem pelo Brasil para participar de eventos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGARQ/UNIRIO).

Entrevistadores: Professor Joaquim, poderia fazer uma breve apresentação de sua trajetória profissional, da sua formação e do seu percurso profissional.

Joaquim Llansó Sanjuan: Empezaré diciendo que me licencié en Historia, especialidad en Historia Medieval, en la Universidad de Navarra, con premio extraordinario de Licenciatura. Soy natural de Badalona (localidad cerca de Barcelona), por lo que no debe extrañar mi regreso a mi tierra inmediatamente después de finalizar la carrera. Iniciados los cursos de doctorado en la Universidad de Barcelona, obtuve una beca predoctoral del Ministerio de Educación. Era el año de 1987. En el contexto de los estudios de doctorado acudía con regularidad al Archivo de la Corona de Aragón, donde

¹ Pesquisador do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Professor dos programas de pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGARQ/UNIRIO) e Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (PPGPAT/COC/Fiocruz). Formado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), possui experiência nas áreas de Arquivologia e História. E-mail: elianfiocruz@gmail.com.

² Docente permanente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília. E-mail: mariana.lousada@unirio.br.

³ Coordenadora Substituta do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos (PPGARQ/UNIRIO). Doutora em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ). E-mail: indolfo@gmail.com.

investigaba sobre los territorios de Sobrarbe y Ribagorza en los siglos XI y XII, dos valles del Pirineo español a caballo entre Cataluña y Aragón. Ese fue verdaderamente mi primer contacto a fondo con la documentación de archivo. Es cierto que en mi etapa de licenciatura adquirí una buena base de paleografía y diplomática, gracias que tuve muy buenos maestros en ese ámbito, junto a la oportunidad de colaborar en el Departamento de Historia Medieval dirigido por el profesor Ángel Martín Duque, que era un catedrático de prestigio en el estudio de la Edad Media tanto en Navarra como en Aragón, quien me asesoró muy bien para iniciar el doctorado. ¿Qué sucedía? Que eran unos años un tanto convulsos en la Universidad pública española.

E: Era que ano então?

J.L: El año 1987 hubo una reorganización en la Universidad pública española, que supuso un bloqueo para el acceso de jóvenes a la docencia: el Estado favoreció el paso a profesor titular a un nutrido grupo de profesores ayudantes que, tras muchos años de ejercer la docencia, seguían sin leer su tesis doctoral. Así, los jóvenes de mi generación no pudimos entrar en la Universidad. En ese momento me ofrecieron trabajar unos meses en el área de Urbanismo del Ayuntamiento de Barcelona, para poner orden en el caos existente en sus archivos de oficina, en especial la Oficina del catálogo monumental de la ciudad, que con otras, como la Oficina de la campaña Barcelona Posa't Guapa, se convirtieron en impulsoras para el rediseño de la ciudad a través del urbanismo. Y es que Barcelona verdaderamente tiene un casco urbano muy protegido, con lo cual el alcance de la intervención era bastante grande. Bueno, pues allí es donde tuve mi primer contacto con la práctica archivística. Además, en esos años (creo que desde 1987), en el Ayuntamiento de Barcelona, Ramon Alberch estaba dirigiendo un estudio que culminó en la organización de un sistema municipal de archivos modélico. Recuerdo que su equipo (concretamente Toni Pallés y Xavier Tarraubella) vino a hacer una encuesta de la situación documental en la oficina donde yo trabajaba y tuve la oportunidad de establecer contacto con los profesionales que ayudaban a Ramon Alberch, que no desaproveché. En su visita, les dije: “¡Estupendo! A mí me gustaría ser como ustedes, tener la oportunidad de trabajar en un proyecto ligado a una Archivística más científica, establecida conforme a un método”. En esa época entendía que ante el desafío de la organización de los documentos en las oficinas cualquier profesional puede hacer un trabajo más o menos

eficiente, pero echaba en falta el rigor de un método: de hecho, en 1987 todavía no se había encontrado un método para desarrollar un trabajo archivístico en el entorno de los archivos de gestión, que no llegaría hasta la entrada del método del archivero canadiense Michel Roberge, que fue una auténtica revolución en Barcelona y en Cataluña, en general.

E: E você, nesse momento, nesse trabalho inicial não teve contato com nenhuma literatura ou bibliografia arquivística?

J.L: El primer manual me lo dio una persona del equipo de Ramon Alberch, concretamente Xavier Tarraubella, que a día de hoy es el responsable del Archivo Histórico de Barcelona. Fue él quien me facilitó un ejemplar del *Manual de Archivística: teoría y práctica* de Antonia Heredia Herrera, seguido de otras monografías como el *Manuel d'Archivistique* de la Association des Archivistes Français, la *Guide pratique a l'usage des archivistes documentalistes*, de Claude Durand y Françoise Durand-Evrard, junto con otras obras de autores españoles como María del Carmen Pescador del Hoyo, Remedios Rey de las Peñas (extraordinaria profesional del Archivo de la Diputación de Huelva) y María del Carmen Crespo. Sin embargo, la base fundamental de la Archivística española fue, desde 1985, Antonia Heredia, de la que aprendimos el oficio una notable generación de archiveros, en los años inmediatamente siguientes a la puesta en marcha de la democracia, coincidiendo prácticamente con la creación de los nuevos gobiernos autonómicos, en los que la perspectiva de los archivos era muy pujante.

E: Felipe Gonzalez já estava nesse momento?

J.L: Sí. Pero fue Adolfo Suárez quien hizo posible la transformación de una España que salía de la dictadura tras el fallecimiento de Franco y favoreció, con el nuevo aire de democracia, el retorno de los exiliados, como por ejemplo Santiago Carrillo, líder del movimiento comunista en 1981. Era un ambiente de muchas expectativas en la calle, había mucha esperanza, la sociedad estaba movilizadada y en ese ambiente los archivos se abrían también, con dimensiones nuevas. Se generaron oportunidades para trabajar en los archivos, con proyectos innovadores y transformadores. En el entorno catalán, en el que yo me movía, hay que destacar la figura de Ramon Alberch, un profesional muy activo que generó a su alrededor un ambiente que favorecía la apertura profesional y una actividad frenética, ejerciendo un liderazgo muy carismático, único. De su mano, ya como

funcionario del Ayuntamiento de Barcelona, y como alumno del Máster de Archivística que realicé (en el que participaban como docentes los mejores archiveros catalanes y figuras de talla mundial como Michel Duchein y Antonia Heredia), tuve la oportunidad de conocer la Archivística más científica, metodologías y prácticas. Hay que recordar que los manuales de la época trataban fundamentalmente de cuestiones relacionadas con el archivo histórico, iniciándose algunos aspectos relacionados con el archivo administrativo o intermedio, pero no se hablaba todavía de las técnicas de la gestión documental en las oficinas, donde se tenían que tomar decisiones que no aparecían abordadas en ningún manual. Con la base de los principios de la Archivística diseñé mi método, con el que organizaba los archivos de oficina y que funcionaba muy bien. Esa metodología la apliqué en los archivos de oficina de los distintos ámbitos de Urbanismo y en el archivo del distrito municipal de Nou Barris, mi primer destino como funcionario de carrera.

Recuerdo con especial emoción el momento en que obtuve por oposición en 1988 la plaza de técnico superior de arte e historia en el Ayuntamiento de Barcelona (en ese momento no existía la especificidad de archivos): fueron convocadas cinco plazas, y quedé el tercero. En ese momento tomé la decisión de especializarme profundamente en la Archivística, y corté mi relación con la Universidad, que no retomaría hasta diez años más tarde, en la Universidad Carlos III de Madrid.

E: Não concluiu a tese de doutorado?

J.L: No. Tuve que elegir y decidí formarme a fondo en lo que me faltaba para llegar a ser mejor profesional, para servir mejor. Me decanté por realizar un máster de Archivística, que era la segunda promoción del único máster de Archivística que había, esos años, en Cataluña, en Barcelona.

E: Em qual Universidade?

J.L: La Universitat Autònoma de Barcelona.

E: Era um mestrado?

J.L: Sí, un posgrado, una maestría.

E: Quantos anos?

J.L.: Dos años, con un trabajo final.

E: É como é aquí hoje.

J.L.: Como a mí siempre me interesó el trabajo archivístico de las oficinas, elegí un trabajo final de máster sobre gestión de documentos. En 1992 tuve mucha suerte, porque participé en el *Stage Technique International d'Archives* de la Dirección de Archivos de Francia, lo que me permitió conocer a fondo el sistema archivístico francés y establecer relaciones con otros archiveros franceses, que me hablaron del *préarchivage*, suizos, que me hablaron de la *registratur* alemana, italianos, que me hablaron del *ordinamento* y el *titolario*, canadienses, que me hablaron de la *gestion des documents administratifs*, o ingleses, que me hablaban de como ellos aplicaban la metodología de la *first review*.

E: Nesse Estágio havia, também, arquivistas brasileiros?

J.L.: Participaban en el *Stage* dos archiveros brasileiros, Maria Izabel de Oliveira y João Rodrigues Neto. Lo que yo buscaba en el *Stage* era un modelo a aplicar en el entorno de los archivos de oficina. Así, aprovechaba cualquier oportunidad para comentar a colegas y profesores mis inquietudes, profundizar en cosas que había leído o me habían generado inquietud; buscaba oportunidades para completar la información que ya había encontrado y preguntar cosas que no entendía. No me preocupaba que las fuentes fueran inglesas, italianas o francesas. A los colegas franceses, que tenía a tiro, les encantaba mostrar lo buenos que son ...

E: Esse Estágio foi muito importante para sua formação?

J.L.: Totalmente. Fueron tres meses, y verdaderamente pienso que saqué mucho provecho de mi estancia allí. Hice muchos amigos. Fue fructífera mi relación con archiveros de Canadá francófono, Québec, que para mí era algo muy importante, porque en esos años nos había llegado el eco de un estudio de Michel Roberge para la clasificación de los documentos administrativos, de raíz sistémica. Y hay que tener en cuenta que, en Cataluña, que es el lugar donde yo residía, se sabía más francés que inglés, por lo que existía una fuerte influencia de la literatura archivística francesa y, por extensión, francófona. Gracias a los conocimientos adquiridos en el *Stage* hice un trabajo de máster de comparación de los diferentes modelos internacionales que más habían

influido en la praxis de gestión de documentos a escala mundial. España, en cuanto a gestión de documentos administrativos, en ese momento era un erial. A mí me interesaba saber que hacían otros y luego ver que se podía hacer en España con relación a lo que existía. Por lo cual estudié el modelo norteamericano de *records management*, el modelo canadiense de *gestion des documents administratifs*, el *préarchivage* francés, el *registry* inglés, la *registratur* germánica y el *archivo moderno* italiano, en el que me llamó mucho la atención el titulario sobre el que en Italia basan la organización de sus archivos de oficina y su registro. De manera que conocí bastante bien lo que estaba sucediendo por ahí afuera. El trabajo fue publicado por el servicio de archivos del País Vasco.

E: Em que ano o libro foi publicado?

J.L: En el año 1993. Acabé el máster en el año de 1992 y en 1993 el libro ya estaba publicado.

E: Com prefácio do professor Michel Duchein?

J.L: Sí.

E: Que luxo!

J.L: Es que con Michel Duchein he tenido siempre una relación cercana, muy especial.

E: Você o conheceu quando fez o Estágio Técnico na França?

J.L: Conocí a Michel Duchein unos años antes. En 1989 vino a Cataluña el profesor Michel Duchein, para participar en un Congreso de la Asociación de Archiveros de Cataluña dedicada al acceso. La Asociación Catalana tenía esos años mucho peso. Las asociaciones, en toda España, eran entidades donde uno se podía formar, entrar en relación con otros colegas, lo que contrastaba con la sensación de soledad habitual del trabajo realizado de manera autónoma. Los profesionales estábamos muy dispersos, pero todo el mundo contagiado por ese espíritu de transparencia y colaboración, pues entonces era muy fácil establecer relaciones para proyectos de interés común. Las Asociaciones tuvieron un papel muy importante. Como decía, en el marco de uno de estos Congresos, concretamente el que tuvo lugar en Girona en 1989, una persona de la junta

directiva de la Asociación me propuso llevar en coche a Michel Duchein desde Barcelona, aprovechando que finalizaba ese día las clases del máster que yo realizaba. Bueno, yo ya sabía quién era Duchein: un archivero fenomenal. A lo largo del viaje comprobé su profundo conocimiento, su carácter jovial, su extrema amabilidad, su educación, su generosidad y su finura en el trato. Tuvimos un viaje muy agradable. Me lo encontré unos años más tarde, en 1992, haciendo el *Stage*, el mismo año en que se jubilaba; nos volvimos a encontrar (aproveché para regalarle un diccionario de catalán: él se declaraba un enamorado de Cataluña), hablamos de muchas cosas y quedamos repetidas veces. Cuando escribí el libro le pregunté a Michel Duchein si podía hacer la presentación, y él la hizo encantado: hizo una presentación estupenda. Él conocía el castellano muy bien. Y hay que decir que, desde entonces, cada año, hasta hoy, nos felicitamos las navidades. Cada vez que venía a Barcelona, quedábamos; él es muy mayor, tiene muchas limitaciones físicas, prácticamente no puede andar, pero todavía conserva esa frescura de cabeza y ese interés intelectual, por los archivos y por la historia de Escocia, con sus estudios sobre María Estuardo, que retomó cuando dejó de ser el Inspector General de los Archivos de Francia. Es una persona estupenda con un nivel intelectual interesantísimo. Y ese fue mi primer eslabón de mi carrera como profesional; apostar sobre un tema novedoso, los archivos de oficina, para los que no había respuestas a las preguntas que nos planteábamos. Vimos que había diferentes maneras de abordar la gestión de los documentos administrativos, como el *records management* y el *préarchivage* con las *missions*, adornadas con un aura de mito y explicadas hasta ese momento con grandes inexactitudes; y luego me vino una oportunidad, en el año 2000, en el pre-congreso del Consejo Internacional de Archivos, en el que fui invitado a hacer un análisis sobre la gestión de los documentos en el marco iberoamericano. Como ya tenía la reflexión previa de los modelos internacionales más destacados, hice una lectura en profundidad de cuanto existía en la bibliografía relativa a la gestión de los documentos en Iberoamérica. Entonces conocí con mayor profundidad el trabajo de Maria Luisa Conde y de José Maria Jardim en el contexto del Grupo Iberoamericano de Tratamiento de los Archivos Administrativos; y verdaderamente me quedé absolutamente anonadado por la iniciativa, por la orientación del trabajo del grupo para hacer evidente un modelo iberoamericano de gestión de documentos al mismo nivel que los existentes en los países que mandaban en el Consejo Internacional de Archivos, observable a través de los estudios de la Unesco,

que favorecían la difusión del modelo norteamericano en detrimento de otros modelos que yo conocía que existían. Observé a través de la bibliografía que en el ámbito iberoamericano había una serie de aportaciones que eran fundamentales como, por ejemplo, la identificación de grandes volúmenes de fondos documentales, muestra de que en el ámbito iberoamericano había un componente profesional muy potente. Para ese conocimiento me resultó esencial la disponibilidad de acceso a la bibliografía procurado desde el Centro de Información Documental de Archivos del Ministerio de Cultura español, donde tenía una presencia impresionante la bibliografía hispanoamericana. Fue una oportunidad para ampliar un poco el horizonte de mi primera investigación en modelos de gestión de documentos preeminentes, cuando verdaderamente me di cuenta de que en el ámbito iberoamericano tenía mucho con lo que contribuir.

Algo después, completé esas ganas por conocer con la oportunidad de practicar el conocimiento adquirido. El año 1995 me postulé para un puesto de responsable de archivo en la Universidad de Carlos III de Madrid. Implicaba un cambio de residencia; me casé ese año también, en un momento en que mi mujer iba a iniciar su trabajo en el Consejo Superior de Investigaciones Científicas, en Madrid, donde nos establecimos. Fue el momento en que tuve la oportunidad de definir y poner en marcha un sistema archivístico desde cero.

E: Para toda a Universidade?

J.L: Para toda la Universidad. Me cogen para ser responsable de la gestión documental, y lo enfrento como un reto personal: “ahora tengo la oportunidad de decidir, con todo lo que sé, qué es lo que quiero hacer”. Para mí era un momento adecuado, tenía 32 años y, a esa edad, uno se come el mundo. El reto me llegaba en muy buen momento, disfruté muchísimo y verdaderamente fue un éxito, no sólo mío, sino de todo el equipo, personas apasionadas capaces de contagiar con su profesionalidad a las personas que trabajaban en la gestión de documentos en las oficinas: la implicación de las personas de perfil administrativo para la aplicación de los principios de la gestión de documentos en el entorno de oficinas es fundamental; no en vano, son quienes organizan expedientes y carpetas de asuntos, redactan, clasifican y ordenan los documentos.

E: No caso da Universidade Carlos III, a tarefa de implantar um sistema de arquivos foi sua responsabilidade?

J.L: Sí

E: Mas essa é uma Universidade que tem formação, tem ensino em Arquivística? Como se dava essa relação? Ou não se dava? Entre docentes e alunos da Universidade e seu trabalho como gestor dos arquivos?

J.L: Yo llegué solo, pero al poco tiempo obtuve la colaboración de dos personas becarias que estaban estudiando Biblioteconomía y Documentación en la propia Universidad, interesadas en los archivos. En la oferta formativa existía una titulación de Biblioteconomía y Documentación, que era un grado de tres años, y una licenciatura en Documentación, que era de cuatro. Esas dos estudiantes, a las que les gustaba específicamente la Archivística, se animaron a colaborar conmigo en el proyecto, y tengo que decir que no he tenido a lo largo de mi carrera dos colaboradoras más interesadas, ni más brillantes, que esas personas, Nuria Fernández y Sonia Jareño, que empezaban una aventura novedosa conmigo y que lo hacían muy bien, con auténtico interés por su trabajo. Por otro lado, al poco tiempo se creó en la Universidad la comisión de evaluación de documentos. Sabemos que entre las comisiones de evaluación deben tener diferentes perfiles: el perfil administrativo, el perfil histórico y también un perfil profesional. En esa comisión, pues, en los años que estuve allí, me acompañó José Ramón Cruz Mundet, quien antes de ser profesor de Archivística había sido durante muchos años archivero municipal en Pasajes (País Vasco). Verdaderamente, con la elaboración del cuadro de clasificación y la puesta en marcha de las prácticas descriptivas en las oficinas, iniciamos una proximidad que tuvo interesantes frutos. Más adelante, en 1998, inicié mi actividad docente en el Departamento de Derecho Administrativo, donde buscaban una persona fuera del ámbito del Derecho que hablara a los estudiantes sobre la documentación y los archivos en el Derecho, y me ofrecieron la posibilidad de impartir dos semestres, uno en el grado de Biblioteconomía y Documentación y otro en la licenciatura en Documentación. Verdaderamente, fue un periodo muy interesante, a la vez que agotador, porque debía compaginar las dos actividades, profesional y docente, y era el primer año; pero fue un curso académico muy interesante porque me permitió conocer por dentro la importancia de la formación universitaria en Archivística, en una zona de fricción con

otras disciplinas, como la Biblioteconomía y la Documentación. Los estudios de Archivística eran diferentes según la Universidad: Barcelona, Sevilla o Salamanca, donde la experiencia de la colaboración de Archivística y la Biblioteconomía era más fluida.

E: Onde era mais fluída?

J.L: Los profesores que daban clase de Archivística en la Universidad de Salamanca estaban más cómodos en su relación con los docentes de la Biblioteconomía.

E: Na Carlos III havia mais conflito?

J.L: Sí; sí, porque en la Universidad de Salamanca se había planteado una itinerancia curricular. Las personas que trabajaban en archivos después de haber estudiado en Salamanca comentaban que en su formación tenían la oportunidad de elaborar su currículum educativo eligiendo muchas asignaturas relacionadas con la Archivística y la gestión documental. En la Universidad Carlos III no había tanta posibilidad de elección. Por otra parte, durante bastantes años, a comienzos del siglo, hubo en España un importante debate profesional en relación a cuál era la formación más adecuada y a qué competencias debían tener los profesionales de archivos para afrontar los retos de la gestión documental. En 1999 dejé de dar clases y mi trabajo en la Universidad Carlos III, y me trasladé, por concurso, a la Universidad Pública de Navarra, por motivos familiares. Abandoné Madrid y me instalé en Pamplona, que es la tierra de mi mujer. Navarra es una tierra singular, un territorio con una historia muy fecunda; es una comunidad con características de raíz histórica singulares dentro del contexto español.

E: Em que ano foi isso?

J.L: En 1999. Acaba el curso, renuncié a seguir dando clases y me trasladé a Pamplona. Otra oportunidad de crear otro sistema, esta vez en la Universidad Pública de Navarra. No existía ninguna base de gestión documental y repetí la experiencia de la Universidad Carlos III de Madrid, adaptando el sistema archivístico en función de las singularidades de la institución, con un resultado espectacular. Hay que tener en cuenta que hablamos siempre de un modelo de gestión documental analógico, entonces todavía no nos planteábamos el tema de los...

E: Dos métodos digitais?

J.L.: No, no, todavía no se planteaba la gestión de los documentos electrónicos. Esos años hablábamos de la informática aplicada a los archivos, de herramientas que nos ayudaban a gestionar los archivos, no de plataformas de gestión de documentos electrónicos. Coincidiendo con mi llegada a Pamplona, inicio mi etapa asociativa, porque no existía asociación de archiveros en Navarra...

E: Não havia arquivista em Pamplona?

J.L.: Había archiveros, pero no había asociación, estábamos muy dispersos, cada uno por su lado. No éramos muchos, unas diez personas que trabajábamos en archivos. Puse lo que estuvo de mi parte para crear la asociación y al poco tiempo, estábamos todos colaborando en un curso de especialización en Patrimonio Cultural ofertado por la propia Universidad Pública de Navarra, en el que destacaba el papel de los archivos. Era un modo de empezar.

E: Além de ter arquivos, o que fazia parte desse patrimônio cultural? Bibliotecas? Museus?

J.L.: Había una parte de bibliotecas, no había museos... Había mucho contenido de historia.

E: Patrimônio edificado? Urbanístico?

J.L.: Sí, porque en Navarra se buscaba iniciar una vía de reflexión sobre la importancia de la mediación cultural. Y para mediar tienes que conocer las evidencias, los hechos, la historia; debes saber de la evolución del urbanismo y de la gestión del medio natural y tienes que entender los objetos culturales. En Navarra, contrariamente a lo que sucede con los museos y los archivos, el componente patrimonial de las bibliotecas no se contemplaba demasiado. Las bibliotecas estaban muy volcadas a la acción cultural; iniciativa de acción y difusión ante la ciudadanía, de movimiento de apoyo a los vecinos, es una manera de trabajar muy social, desde siempre, como una de las características de las bibliotecas de Navarra; existe una vasta red de bibliotecas y muchas de ellas están muy implicadas en la vida social. Los archivos, que son muy numerosos, han estado por lo general pocos atendidos, con escasa presencia de profesionales salvo en instituciones de

referencia como el Archivo Real y General de Navarra y los ayuntamientos de Pamplona y Tudela, pero que verdaderamente tienen un papel patrimonial mucho más potente. En Navarra se identifica la historia con los archivos, siempre.

E: Com os arquivos de administração era mais difícil essa identificação?

J.L: Sí, y los museos no se contemplan tan relacionados con la historia como nosotros, sino con el arte. Y aún en el día de hoy cuando la Presidenta del Gobierno de Navarra tiene alguna necesidad relacionada con la historia de Navarra nos pregunta a los profesionales de los archivos. Navarra es un territorio que fue reino independiente hasta 1512, cuando el rey Fernando el Católico incorpora por conquista Navarra al reino de Castilla, y afortunadamente se conserva mucha documentación de la Edad Media. Con esa realidad identitaria, no es de extrañar que los grandes estudios que se han hecho en los archivos de Navarra correspondan fundamentalmente a la Edad Media. En el gran imaginario navarro, que es un pueblo muy orgulloso de su historia, se contempla el archivo histórico con un reconocimiento y un prestigio social. El reto actual consiste en responder a la pregunta de “¿cómo hacemos lo mismo con los documentos más recientes?”. En 2005 soy elegido presidente de la Asociación de Archiveros de Navarra y, por turno, paso a presidir la Coordinadora de Asociaciones de Archiveros de España. En ese momento impulsamos una propuesta de estudios de máster de Archivística con una serie de contenidos, que entendemos que son los importantes para tener un relevo generacional con garantías de cara a adquirir las mejores competencias profesionales en gestión documental. Realizamos un análisis de cuáles son las áreas de formación que se hacen en Europa...

E: Esse estudo ocorreu no âmbito da Associação? Quer dizer, a Associação foi quem promoveu esse estudo na elaboração do mestrado em Arquivística?

J.L: Sí, porque nosotros no queríamos hacer nuestro máster, sino trasladar a las Universidades, en un momento en que se definían las nuevas titulaciones en el marco de la educación superior europea, lo que según pensábamos los archiveros debía ser una propuesta de cómo organizar los estudios para conseguir competencias profesionales. Quizá fuera un ideal muy arriesgado, pero nosotros pensábamos que estábamos en condiciones de hacer esa propuesta a las Universidades. Hicimos un análisis y lo

publicamos en la Revista de Archivos de la Asociación Valenciana de Archiveros y Gestores de Documentos. Hasta ese momento los estudios de máster en Archivística eran títulos propios de las Universidades, pero andábamos detrás impulsando, hablando con profesores de Universidades para que se animaran de hacer estudios superiores reconocidos por el Ministerio de Educación, que no fueran propios de cada Universidad, porque entendimos que eso llevaría a la consagración de la profesión. Más adelante, con el paso de los años, se ha visto efectivamente como la Universidad Autónoma de Barcelona, por ejemplo, ya tiene unos estudios superiores específicos en Archivística. Entiendo que los estudios de esa Universidad están muy relacionados con lo que se perseguía con esa iniciativa de la Coordinadora de Asociaciones de Archiveros.

E: Pode explicar melhor. O que é título próprio? O que é título oficial? Porque para nós, aqui no Brasil, para que haja um curso de pós-graduação, um mestrado, necessariamente ele tem que ser credenciado junto ao Ministério da Educação (MEC), e em razão disso ele se torna oficial. Nenhuma Universidade tem título próprio.

J.L: Los títulos oficiales son reconocidos por el Ministerio de Educación y habilitan para el ejercicio de una profesión. En cambio, los títulos propios son de especialización, es decir, unos títulos de formación posterior a una licenciatura que ofrece cada Universidad...

E: Uma especialização?

J.L: Sí, una especialización.

E: São oito meses? Nove meses? Um ano?

J.L: Por ejemplo, el máster de Archivística que hice yo tenía una duración de dos cursos, validado por la Universidad Autónoma de Barcelona. No tenía esa consideración de título oficial. Ahora, ya existen facultades o escuelas universitarias que expiden ese título oficial, que es lo que queríamos conseguir en el período comprendido entre 2005 y 2007.

E: Em Navarra?

J.L.: En España, como corresponde al nivel de actividad de la Coordinadora. Navarra es una región muy pequeña como para poder impartir un título de máster en Archivística; pero desde la Asociación de Archiveros de Navarra, con el resto de las asociaciones del territorio español, lo que se buscó fue una alianza entre todos de manera que pudiéramos llegar a hacer propuestas amplias en este sentido, al objeto de que existieran titulaciones oficiales de Archivística en las Universidades españolas. Cuando hablo de Archivística, me refiero a una Archivística extensa, de gestión de documentos y archivos. Eso es básico. Por otro lado, desde la Coordinadora se impulsó una reflexión sobre las prácticas archivísticas iberoamericanas de las que hablé anteriormente, por su relevancia a nivel internacional, reunir las en una publicación y difundirlas una vez traducidas al inglés. Nos quedamos a medio camino porque no se tradujo al inglés, pero sí que están publicadas, disponibles en la página web de la Coordinadora de Asociaciones de Archiveros.

E: Aproveitando que você está falando sobre essa questão das Universidades e da formação. Hoje, como é o cenário espanhol, em termos de ensino e pesquisa em Arquivística? Como se encontra hoje esse cenário nas Universidades em termos de mestrados e doutorados? Ou é só no pós-graduação ou na licenciatura? Existe um modelo único? Existe um percurso único ou isso vai variar de acordo com a região? É, porque além das necessidade em Espanha, vocês precisam atender as necessidades da União Europeia, não é? Ou não?

J.L.: Decididamente, sí.

E: E como isso se deu depois desse período, você está falando de 2005/2006, quer dizer, nós temos aí 13 anos. Como isso vem se dando, para chegar aos dias de hoje que os desafios são mais amplos. Pois, pelo que entendemos, nesse momento de 2005/2006 o objetivo de vocês, era pensar uma formação ampla em Arquivos e Documentos, não é? Que dizer, não era uma formação apenas para cuidar de arquivos históricos, era uma visão ampla que desse para conta da teoria, das escolas arquivísticas, das correntes, das tradições e do ciclo de vida dos documentos. Como é que hoje se coloca essa questão na Espanha?

J.L.: Hay que tener en cuenta que lo que pretendía la Coordinadora de Asociaciones de Archiveros de España era que la propuesta fuese única...

E: Para toda a Espanha?

J.L: Conforme a lo observado, la Universidad de Salamanca tenía un modelo, Barcelona tenía otro y Sevilla el suyo, y lo que buscábamos era una propuesta unificadora. Incluso se planteó que la Coordinadora diera sellos, es decir, si nosotros sabíamos que se ponían en marcha estudios de máster que se alinearan con la propuesta de la Coordinadora, queríamos transmitir que “nosotros estamos con este máster”. Es decir, buscábamos la implicación de la profesión en esos títulos concretos, que entendíamos que eran los que correspondían a un modelo que nosotros defendíamos. Bien, la situación es que en el día de hoy no hay una manera o una realidad formativa única en esa dirección. Como digo, como estudios oficiales hay uno que se imparte en la Universidad Autónoma de Barcelona; hay otros posgrados de especialización, que también se llaman máster, pero que no son oficiales, sino propios, como por ejemplo el que imparte la Universidad Carlos III de Madrid, de gran calidad y que es específico de archivos; y hay otros estudios de postgrado de especialización, en los que los contenidos de gestión de documentos y archivos conviven con los de otras disciplinas, cubriendo así una parte del Patrimonio Cultural, orientados fundamentalmente a capacitar para la mediación cultural, si bien yo no los considero propiamente un espacio donde pueda aflorar ciencia o investigación, pues los contenidos son muy generales. ¿Dónde puede surgir a día de hoy esa investigación en gestión de documentos y archivos? Puede aflorar por ejemplo en la Universidad Autónoma de Barcelona, un campo abonado para la realización de tesis doctorales.

E: Por que?

J.L: Hoy en día, en la Universidad española, como estudio oficial, el máster combina una orientación tanto al doctorado como a la especialización. No puedo hablar de las Universidades que no conozco directamente (existen estudios de archivística en las Universidades de Barcelona o Complutense de Madrid, por ejemplo), pero por lo que tengo entendido, en la Universidad Autónoma de Barcelona se ofrece a los estudiantes progresar tanto en el doctorado como en una formación profesional muy especializada; el estudiante puede optar por hacer la tesis doctoral o no.

E: E a Universidade de Salamanca? Qual é o papel dela dentro desse cenário?

J.L.: La Universidad de Salamanca destaca por su investigación y sus tesis.

E: Teses em Arquivística?

J.L.: En Archivística. ¿Por qué? Porque tiene profesores muy buenos.

E: E Sevilla?

J.L.: Además de las tesis (que conozco menos) me gustaría destacar los trabajos de investigación. Sevilla ha tenido tradicionalmente un semillero de profesionales muy potente, con investigaciones orientadas hacia la documentación histórica de alcance iberoamericano, que conserva el Archivo General de Indias. Del mismo modo, en Salamanca puede percibirse el influjo del Archivo General de Simancas o del Archivo de la Real Chancillería de Valladolid. En Barcelona, puede influir la cercanía del Archivo de la Corona de Aragón, si bien considero que, verdaderamente, en Cataluña se han investigado y publicado temas de gestión documental, casi siempre en catalán.

E: Por esta razão não circula amplamente?

J.L.: Eso puede ser entendido como una limitación; pero los archiveros catalanes, aun siendo conscientes de que ese puede ser un problema de cara a una mayor difusión, tenemos tendencia a situar la lengua, como signo de identidad de una sociedad muy concreta, como un alineamiento con las características que la definen. La Archivística catalana tiene un aire singular, de manera que la evolución archivística acompaña a la modernización de la sociedad catalana y sus necesidades. En ese sentido, entiendo que sus expectativas han sido siempre las ligadas a su territorio, si bien durante muchos años los archiveros catalanes se han esforzado en explicar en el exterior, en diversas lenguas, el modelo seguido en Cataluña con artículos de revistas, colaboraciones en congresos y jornadas de nivel nacional e internacional. Eso no ha sido frecuente en otros territorios, por lo que el peso de la Archivística Catalana no ha tenido parangón en ningún lugar de España.

E: Perguntamos sobre Salamanca porque tem muitos profissionais brasileiros, professores, inclusive, que fizeram aperfeiçoamento, doutorado na Universidade de Salamanca.

J.L: Tengo la sensación de que en Salamanca los profesionales estaban menos organizados que en Cataluña, aun siendo magníficos profesionales. Mi percepción es que han sentido en menor medida el arropamiento que proporciona un contacto constante, a todos los niveles, con otros colegas. El nivel de la Archivística catalana es muy alto, hay una escuela muy potente y un número de profesionales elevado. Puede decirse que la llegada a la Universidad ha sido desde la profesión. En la Universidad de Salamanca se produce, precisamente, la situación contraria: los profesores (algunos de ellos de lo mejor del país) inspiran la práctica profesional (de ahí la existencia de buenos profesionales), y desde la Universidad existe la posibilidad de formar investigadores o encontrar gente joven que está animada a hacer tesis doctorales. En Barcelona, la profesión arrasa.

E: Entendemos que, em Barcelona há uma forte comunidade que se expressa, ou seja, o conhecimento se expressa em grande parte nessa comunidade que se formou ao longo do tempo e que é profissional, sobretudo profissional. Mas você disse que se fazem pesquisas por meio de boas teses doutorais em Arquivística.

J.L: Hay más profesionales, y los mejores probablemente no estén en la Universidad, a mi juicio. Es decir, los mejores profesionales...

E: Estão fora da Universidade? Estão nos serviços arquivísticos?

J.L: Exacto. La vanguardia de la profesión la han desarrollado en su mayor parte los profesionales. Es cierto que algunos destacados profesionales se han ido incorporando a la Universidad, por lo que la situación puede variar a corto plazo, pero según creo las investigaciones que se hacen en la Universidad, y se hacen muchas, y reconociendo que siempre hay excepciones, como sería el caso de la Universidad de Salamanca porque allí hay muy buenos profesores, las investigaciones inciden en temas muy etéreos, con grandes reflexiones teóricas de personas que poco o nunca ha trabajado en archivos.

E: Uma marca muito teórica?

J.L: Sí. En la Universidad de Salamanca hay profesores que han trabajado en archivos, que conocen a la perfección lo que son los archivos. Además, tienen una capacidad de comunicación impresionante.

E: As teses têm essa relação entre teoria e as práticas?

J.L: En la Universidad de Salamanca un estudiante tiene la oportunidad de aprender y de trabajar con Luis Hernández Olivera, que es una fiera, un profesional excepcional. Está Rosa López, otra profesional como la copa de un pino, también profesora de la Universidad de Salamanca. También es docente Manuela Moro otra profesora impresionante. Sin duda existen magníficos profesores en otras universidades, como puede ser el caso de José Ramón Cruz Mundet en la Universidad Carlos III de Madrid, un magnífico profesor que dirige buenas tesis. La praxis profesional es, a mi juicio, muy importante para obtener resultados de investigación relevantes. Otro caso interesante puede ser el de María Paz Martín Pozuelo, también profesora en la Universidad Carlos III de Madrid, con un peso importante en investigación y en sus trabajos, especialmente en su empeño en poner en marcha un observatorio profesional...

E: Estudos prospectivos?

J.L: La primera persona que ha tenido interés en prospectiva ha sido la profesora Martín Pozuelo. Ella intentó antes que nadie aplicar un método a la búsqueda y a la racionalización de tener datos para poder hacer estudios orientados a atender necesidades muy claras y determinadas. Un detalle importante es que para ese observatorio se quiso rodear de profesionales de los archivos, porque eventualmente la Universidad tiene la tentación de mirarse hacia adentro, pero no observar hacia afuera.

E: Como se diz “Olhar para seu próprio umbigo”?

J.L: Así es.

E: E ela buscou parceria, colaboração com profissionais que estão no mercado de trabalho e que podem colaborar com o desenvolvimento dessas pesquisas?

J.L: Las tesis que acompañan a María Paz Martín Pozuelo tienen una visión de observatorio, de estar atento a lo que surge fuera, y de integrar esa parte de la vida

práctica a un trabajo descriptivo de campo. Por el contrario, cuando tú como investigador te centras en la ciencia o en producción científica, o en buscar un método, te das cuenta de que corres el riesgo de construir castillos en el aire, es decir, has perdido un poco el contacto con la práctica, a lo que se une que la Universidad impulsa a seguir planteamientos muy abstractos. En lo personal, a mí me gusta dar clases en la Universidad Carlos III de Madrid; voy a dar un seminario cada año, invitado por el profesor Cruz Mundet. Y me gusta porque voy a explicar lo que hago, voy a decir lo que me parece, puedo explicar lo que me gusta hacer, porque yo tengo la perspectiva de lo que se podría hacer para la mejora de la gestión de los documentos ante una situación muy concreta. En mi trabajo en Navarra procuro estar atento a lo que hacen mis colegas al frente de servicios de archivos en otras comunidades autónomas, e intento estar al día de todo lo que otros escriben fuera de los temas que a mí me interesan especialmente. En verano busco tiempo para ponerme al día de la bibliografía más reciente, porque verdaderamente hay muchos temas en los que pensar; son casi siempre planteamientos muy abstractos, pero la tierra la piso yo; busco aspectos que me inspiren y que puedan ser realizables en la medida que yo puedo tener un papel activo en la definición de la política de gestión de documentos en Navarra, que es donde yo puedo actuar. Y como estamos en contacto con otras territorialidades vas alimentando un poco lo que será presente y futuro. Ves donde están los problemas y los retos: cuando hablamos del archivo digital nos parece que es un campo muy abonado (el peso de la bibliografía es aplastante), porque metodológicamente creo que tenemos las ideas bastante claras de como tenemos que hacer; pero es muy difícil gestionar un equipo de trabajo multidisciplinar donde hay informáticos, gestores o juristas, porque nuestras organizaciones no están acostumbradas a generar equipos de naturaleza transversal, sino que están habituadas a trabajar de una manera jerárquica. Y te das cuenta, cuando colaboras con ellos, que verdaderamente, el único que es consciente de esa transversalidad eres tú: estás acostumbrado a hablar con una persona para persuadirla de la importancia de algo que tiene que hacer, y tienes que hacerte entender. Un informático habitualmente nunca te venderá un producto, porque él no tiene la necesidad. Para que se haga una correcta gestión de documentos en las oficinas hay que ir a las oficinas, y convencer a las personas que atienden los archivos de gestión de que van a ser más

eficaces; lo prueban y lo consiguen. Esa es mi experiencia; si el archivero está con ellas lo harán, pero para tener éxito hay trabajar codo con codo en las oficinas.

La relación de los profesionales con la Universidad es muy importante. Estoy convencido de que, para afrontar con éxito algunos aspectos que a mí me preocupan a día de hoy, la colaboración con la Universidad sería algo absolutamente fundamental; por ejemplo, en la elaboración de normas. En España existe la Comisión de Normas de Descripción Archivística, conocida como CNEDA, que lleva unos cuantos años trabajando en una formulación intelectual para interoperar descripciones. No existe, probablemente, un lugar para una reflexión metodológica de mayor calado que la Universidad, ni un laboratorio mejor que la práctica en una institución archivística.

E: Para Navarra? Ou para Espanha?

J.L: Es una comisión nacional, creada en 2007, que depende del Ministerio de Cultura. Estamos diez archiveros en ella, de diversas procedencias: de ministerios, de comunidades autónomas y municipales, muchos de ellos con experiencia en docencia universitaria.

E: E você é um deles?

J.L: Sí. La Comisión presta asesoramiento al Ministerio en el desarrollo de normas aplicables en la descripción de documentos de archivo, orientada a la mejora continua del acceso a los recursos archivísticos. Así, la CNEDA define un escenario óptimo para la descripción archivística en España, mediante la creación, mantenimiento y revisión de documentos técnicos, tales como estándares, recomendaciones y documentos de apoyo (traducciones, informes, recopilaciones o ejemplos, etc.), disponibles en la página web del Ministerio de Cultura. Su trabajo más importante ha sido el denominado Modelo conceptual de descripción archivística, un estándar de referencia teórico basado en el esquema de modelado entidad-relación, aprobado en 2017, desarrollado con la intención de identificar los requisitos funcionales que deben tenerse en cuenta en el diseño y configuración de los sistemas de descripción archivística. En último término, es un intento de modernizar la normativa del Consejo Internacional de Archivos poniendo en relación las entidades documento, agente y funciones, especialmente. España ya tiene definido su modelo y los atributos, con lo que estamos en condiciones de afrontar el siguiente reto.

¿De qué reto se trata? A nuestro juicio, el reto es integrar el esquema de metadatos de gestión de documentos electrónicos con el modelo conceptual de descripción archivística. El objetivo para los próximos cuatro años tiene que ser que no haya barreras entre lo que es una descripción tradicional y un esquema de metadatos sobre el que se apoya la gestión de los documentos electrónicos. La nueva descripción son los metadatos; la descripción tradicional son las normas del Consejo Internacional de Archivos, que están en un proceso de transformación. A mi parecer debemos intentar la conexión entre el modelo conceptual de descripción archivística, que alcanzamos a partir de un planteamiento de archivo histórico, con lo nuevo, con lo que se está implantando con la administración electrónica ahora mismo.

E: E todos pensam assim?

J.L.: Cada integrante de la CNEDA aporta su visión, teniendo en cuenta que entre sus miembros hay personas de un nivel competencial extraordinariamente alto, como es el caso de Antonia Heredia, a quien todo el mundo conoce, o de Javier Barbadillo, que es el mejor archivero que existe en España: es especialista en descripción, en clasificación, en evaluación y coordina la implantación de la administración electrónica en su ayuntamiento. Mi especialidad son los sistemas de archivos, y apporto una visión global. Y sí, coincidimos.

E: Se funciona no micro, pode funcionar no macro?

J.L.: Ha estado liderado, hasta ahora, por Javier Requejo, que pertenece al cuerpo de archiveros del Estado y tiene una cabeza privilegiada; trabaja en el archivo de la Cancillería de Valladolid. El resto de miembros son Javier Barbadillo, Alejandro Delgado, Antonia Heredia, Beatriz Franco, Julia M^a Rodríguez, Julián Moyano, María Luisa Conde y Ramón Martín, con Ricard Pérez, que ejerce de secretario. Cada uno de ellos aporta algo singular, de especial importancia para el alcance del conjunto de trabajos, desde una visión tradicional hasta la más innovadora del archivo digital, pasando por el modelo del continuo y los proyectos más relevantes a nivel internacional. En este momento hemos coincidido en la importancia de armonizar los atributos de la descripción archivística con los elementos de metadatos del Esquema Nacional de Interoperabilidad para la gestión del documento electrónico.

E: Gostaríamos de saber como o novo profissional de arquivo vai se encaixar nessa questão? Queremos dizer, aquele que está não só no mercado de trabalho, como também o que está saindo dessas experiências dentro das Universidades. Como que os mais jovens estão vendo se enquadrarem nessa nova formação, nessa nova pesquisa, nesse novo mundo dos arquivos e da gestão? Nesses novos desafios metodológicos.

J.L: Creo que necesitamos personas que estén bien formadas, que sean críticas; que conozcan diferentes posibilidades y modelos y tengan la madurez adecuada para ajustar lo que sabe a un contexto archivístico muy determinado, que es una organización, con sus propias características y finalidades, que es probable que no tengan nada que ver con otra que tengan al lado. El profesional deberá elegir, entre todo lo que conoce, aquello que sea más adecuado para una implantación de un sistema archivístico que funcione. La madurez y los conocimientos son básicos para hacer una abstracción para aplicar en un caso concreto. En la elección influirán, además del conocimiento de procesos de gestión documental, otras cuestiones que tienen que ver mucho con las organizaciones, y que no son necesariamente procesos archivísticos.

E: Processos de gestão?

J.L: Sí. Procesos de gestión cotidianos en una organización, en los que necesariamente van a tener que incluirse los procesos de gestión documental. Pero los procesos de gestión documental por sí mismos nunca van a ser suficientes para implantarse en un contexto amplio. Tienen que conocer esas técnicas.

E: Quais são esses outros conhecimentos, que hoje estão nas organizações, que são importantes, e que os arquivistas deverão passar a dominar? A busca das boas práticas da qualidade?

J.L: Para mí es muy importante saber trabajar en equipo. Ser crítico, saber, entender lo que no está escrito. Ser capaz de relacionar modelos entre sí o las bases de una metodología, a nivel nacional e internacional. Ser capaz de identificar oportunidades en las que intervenir directamente para conseguir buenos resultados. Por ejemplo, recientemente ha aparecido una nueva norma ISO sobre evaluación de los documentos, que cambia radicalmente el contexto de este proceso de gestión documental en su

aplicación en las organizaciones. A mí me gustaría que las personas que se incorporaran a mi equipo fueran capaces de analizar cuál es la situación en la que estamos actualmente, centrada en la micro evaluación, en la que somos incapaces de evaluar eficientemente la cantidad ingente de documentos que nos exige la gestión del documento digital. Las conclusiones de ese análisis nos harán más eficaces, identificando criterios objetivos que nos permitan afinar las decisiones de evaluación incluso antes de que los documentos sean producidos.

E: Estamos entendendo o que você está falando; que é um desafio que nós vivemos muito isso aqui. No Arquivo Nacional, ou aqui na Fiocruz, temos um núcleo de arquivistas, que pensam o sistema, dominam os planos de classificação, as tabelas de temporalidade, de avaliação, de destinação dos documentos, e fazemos isso nessa escala micro que você se refere. Aqui o desafio é fazer escalas maiores, não é? E encontramos a necessidade de capacitar, de treinar os funcionários – os funcionários administrativos dos serviços e seções arquivísticas, que são funcionários administrativos que, muitas vezes, têm pouca familiaridade com os termos, com os conceitos arquivísticos. E tem resistência, ou seja, resistem. Estão acostumados a classificar o documento daquela maneira a muitos anos e resistem quando você chega com um instrumento... Isso, para nós, é um desafio ainda maior, por que no nosso caso, existe muita mudança de quem cuida do expediente e deveria classificar o documento, hoje está e amanhã ele está em outro lugar. Isso para nós é um desafio permanente. Como você falou, conquistar, capacitar essas pessoas para que elas possam realizá-lo, que esse trabalho seja disseminado, porque as escalas são muito altas.

J.L: Me acuerdo de que hace años tuve la oportunidad de hacerle una pregunta a Adrian Cunningham, en un Congreso de la Asociación de Archiveros de Castilla y León celebrado en Burgos. Él partía de la premisa de que era imposible para el archivero convencer a los administrativos de un entorno de oficina para que gestionen los documentos con criterios de archivo, como puede ser la clasificación de documentos. Mi experiencia es que sí que es posible, si se realiza la formación adecuada. Por otra parte, en el momento actual, dominado por el entorno digital, las acciones de gestión de documentos en el archivo de oficina están predefinidas en el sistema de tramitación. El

cambio de paradigma altera nuestra manera de trabajar, con lo que o somos hábiles a la hora de buscar un lugar en ese contexto de cambio o seremos desplazados. ¿Por qué? Una vez que nuestras organizaciones dispongan de cuadros de clasificación y esquemas de metadatos o tengan identificados los plazos de conservación, los principales procesos archivísticos estarán completados, el administrador del sistema de gestión de documentos y archivo actuará como un relojero. Este relojero irá corrigiendo las desviaciones que se vayan identificando: por el hecho de que exista una desviación de tres minutos no puede decirse que un reloj no funcione. Otra cosa es el grado de perfección, para lo cual debemos identificar las oportunidades que va a tener el profesional en un ámbito marcado por el cambio constante. En este contexto, las bases de la profesión, que teníamos antes como terreno bien asentado, se sacuden a un ritmo que no nos deja tiempo para reflexionar ni para pensar. Estamos integrados en una cadena de trabajo con otros profesionales; la gestión documental no es cosa del archivero únicamente, sino que intervienen muchas personas, desde empresas de servicios, proveedores de software o de archivo en la nube. De un modelo organizativo en que los servicios se proporcionan desde dentro, en especial en las administraciones públicas, estamos evolucionando a otro modelo en que serán las empresas quienes ofrecerán a las administraciones servicios desde el exterior, porque las administraciones son incapaces de asumir el ritmo en que evoluciona la tecnología, pero las empresas sí, porque ellas buscan las oportunidades del mercado; las empresas se mueven más rápido que la administración. Personalmente percibo que se está generando un volumen de actividad muy potente en el ámbito de la asesoría y de los servicios en la nube, que va a más; estoy convencido de que la nube va a dar un vuelco fundamental, con sus diferentes tipos y funcionalidades, donde hay hilar muy fino en los contratos con los proveedores de servicios, en los que hay que asegurar al máximo la portabilidad. Sin embargo, las funciones de dirección y coordinación de los sistemas archivísticos deben radicar necesariamente en la propia organización, a cargo de archiveros.

E: E a administração está preparada para saber quais são esses serviços? Os ‘bons’ serviços e os ‘maus’ serviços?

J.L.: Considero que en la prestación de esos servicios tenemos prácticamente asegurada una puerta de entrada los archiveros; creo que los puestos de trabajo más

innovadores no van a estar en los centros de archivo, lo tengo muy claro. E irán a más. Los archiveros institucionales vamos a ejercer de relojeros, siguiendo con el símil que recogía antes; pero quien fabrica el reloj y ajusta sus mecanismos, el que hace que el reloj funcione, va a trabajar en las empresas que desarrollan las nubes y en aquellas que aportan valor a un producto en constante evolución y donde el mercado se va renovando a unas velocidades de vértigo. Necesitamos jóvenes que se adapten a los contextos de rapidez, a la evolución paulatina del producto, que estén mirando hacia la parte tecnológica, pero que tengan sus raíces en lo que es la archivística y la gestión documental, de manera que las herramientas que se ofrezcan satisfagan las necesidades con una clara orientación a la excelencia.

E: É importante que hoje os arquivistas dominem ou conheçam as tecnologias? É um elemento importante?

J.L.: Sí, es muy importante que los archiveros conozcamos las tecnologías y nos adaptemos a trabajar en un entorno cambiante, sin que sepamos a dónde va a ir a parar y que cada vez es más rápido. Sin embargo, siempre insistiré en tener claro que la base de la profesión son los procesos: si un cuadro de clasificación, por ejemplo, está bien hecho, es eficiente. No todo vale. Si para llegar a ser eficiente en ese nuevo contexto protagonizado por la nube tengo que admitir cuadros de clasificación mal hechos, una identificación de documentos o procesos de gestión inadecuada, o una evaluación documental mal practicada, o una captura de los documentos parcial, o una asignación de los metadatos errónea, o que no exista un esquema de metadatos con unos valores adecuados, a mí no me vale. No debemos renunciar a la excelencia en los instrumentos de gestión documental: sería un engaño. Por ejemplo, el cuadro de clasificación, que es donde se observa el oficio de un archivero, debe estar bien hecho, tiene que ser coherente, con una estructura de funciones bien organizada y equilibrada, donde no se repitan los códigos de clasificación, donde no aparezcan apartados de “varios” o se repitan los de “correspondencia”, “informes” o “contratos” en lugares distintos. Con una base bien asentada, podremos abrirnos al futuro; no podemos confiar en alguien que venda humo a nuestras instituciones. Deberían tener eso en cuenta las organizaciones que, como ISO, producen normas destinadas a la certificación de sistemas de gestión de documentos: que una organización obtenga una certificación en la norma ISO 31301 no

implica necesariamente que tenga implantadas unas prácticas excelentes de gestión documental.

E: Esse fenômeno, essa polaridade, também, ocorre no Brasil. Os arquivistas são identificados, ainda, com o conservadorismo, o arcaico, aqueles que não querem aceitar as mudanças.

J.L: La transición de una praxis analógica a otra digital es compleja, y requiere de instrumentos de acompañamiento. Existe en el contexto internacional un detalle revelador. Cuando se aprobó internacionalmente la norma ISO 15489 en 2001, el Reino Unido hizo su propia guía de aplicación, para que se favoreciera una aplicación práctica ante el cambio de paradigma; un modelo internacional, que surge de un sólido consenso profesional, requiere que cada país, o cada tradición, haga una aproximación específica a la novedad. En otros países, como Australia y Nueva Zelanda, no hizo falta porque ellos lanzaron las normas y es la promotora del modelo Dirks, que preside la propuesta de la norma ISO 15489 para la implantación de un sistema de gestión de documentos en las organizaciones. Pero en el caso español, representado por AENOR, no se consiguió un consenso para realizar esa guía de aplicación, y a mi juicio eso explica el escaso respaldo institucional dado a una norma internacional de gran trascendencia en la transición de la archivística analógica a la digital. Esa transición no se consiguió en España hasta la aprobación legal en 2010 del Esquema Nacional de Interoperabilidad, seguido de sus normas técnicas y sus guías de aplicación, con carácter obligatorio para todas las administraciones públicas españolas. En este caso, cada norma técnica (referidas a documento y expediente electrónico, digitalización, migración y conversión de documentos electrónicos y en especial la política de gestión de documentos electrónicos con su esquema de metadatos) ha ido acompañada de una guía de aplicación, a modo de buenas prácticas, para favorecer su implantación. Pero nos costó 10 años disponer de los referentes necesarios para la transición digital. ¿Por qué? A mis ojos, AENOR renunció a liderar la transformación de los archivos en España cuando desestimó procurar las guías de implantación, en beneficio de facilitar un espacio a las empresas de asesoría, radicalmente contrarias a su elaboración. El Comité de gestión de documentos y archivos de AENOR prefirió orientar su trabajo hacia la traducción de las normas al español, abonando el campo de la interpretación de las mismas a las empresas de asesoría, en

detrimento de la aplicación de los procesos e instrumentos de gestión documental. En esa perspectiva colisionó frontalmente con las asociaciones profesionales, que progresivamente fueron desvinculándose de AENOR, divorcio que se observa incluso hoy en día. Según creo, cualesquiera planteamientos deben estar presididos por la perspectiva profesional de exigencia, centrada en los procesos de gestión de documentos.

E: A Norma ISO 15.489, na Espanha, foi imediatamente traduzida e adotada?

J.L: Lo fue en un plazo razonable.

E: Porque nós, aqui no Brasil, temos um lapso de tempo enorme, porque essa norma ISO foi só traduzida o ano passado [2018]. Só conseguimos a tradução, a versão oficial traduzida no ano passado, trabalharam [o Comitê da ABNT] com a versão de 2001 e, também, com a atualização de 2016. Então, é muito recente essa divulgação, e a adoção ainda é quase nenhuma. Na Espanha, quando foi traduzida?

J.L: En España la traducción de la norma ISO 15489 de 2001 se publicó en 2006, con un trabajo importante coordinado desde AENOR, en el que participaron diversos actores, entre los que destacaron por su intensidad las asociaciones profesionales de archiveros. El ritmo de trabajo en el Comité de gestión de documentos y archivos de AENOR es intenso tanto a nivel nacional e internacional, con dos reuniones anuales y participación en grupos de trabajo por parte de expertos nacionales e internacionales representantes de una amplia pluralidad de empresas, organizaciones y universidades españolas. La participación de expertos españoles en grupos de trabajo internacionales hace posible, a día de hoy, la publicación temprana de las normas en español. E incluso la dedicación al ámbito internacional de determinadas personas, como es el caso de Carlota Bustelo, ha hecho posible que una iniciativa española se haya convertido en un grupo de normas de extraordinaria importancia, como la serie de normas dependiente de ISO 30300, denominada “la norma española”, orientada a la certificación de sistemas de gestión de documentos. Es muy importante para los países participar en el Comité internacional de ISO. No sólo por la capacidad de decidir con el voto nacional la publicación de una determinada norma internacional, sino por el conocimiento que se adquiere de la naturaleza y el contenido de las normas desde el mismo momento en que circulan en los grupos de trabajo internacionales los primeros borradores. Es algo estratégico a medio y

largo plazo. Pero en el contexto de cómo entiende ISO la gestión de documentos y archivos percibo más sombras que luces para nuestro colectivo profesional, como archiveros. Según veo, en la actualización de la norma ISO 15489 de 2016, aparecida como consecuencia de la aparición de la serie de normas ISO 30300 orientada a la certificación de sistemas de gestión de documentos, los procesos e instrumentos, básicos en nuestro trabajo profesional, han sido desplazados por las herramientas tecnológicas, y los profesionales de la informática han sustituido a los archiveros en la coordinación de los sistemas de gestión de documentos. Esa perspectiva es, a mi juicio, errónea (cualquier profesional con experiencia en la gestión de documentos electrónicos en su organización coincidirá conmigo): para que la administración electrónica funcione, los procesos e instrumentos de gestión de documentos deben definirse y aplicarse correctamente, son cruciales para que las organizaciones dispongan de plataformas de archivos electrónicos seguros. Y un detalle de interés, al hilo de lo que estamos tratando: en este momento, para el progreso en la gestión de documentos electrónicos en las organizaciones sería muy importante explicar qué cosas hemos hecho mal, para que, compartiéndolas, mejoremos todos. Pienso que el futuro de la profesión pasa necesariamente por compartir nuestros conocimientos y nuestra experiencia.

E: Daquilo que não deu certo?

J.L: Sí. Los archiveros tenemos tendencia a hablar de nuestras prácticas exitosas, pero no actuamos de la misma manera con nuestros fracasos. Puede que ello se deba a que, como consecuencia de un elevado nivel de exigencia, tenemos ese prurito profesional de poner de manifiesto únicamente aquello que puede ser considerado un referente de excelencia o de buenas prácticas. Tenemos unos resultados que en muchos casos son impresionantes, desde luego, pero antes de llegar a ellos hemos dado muchos pasos en falso. De los errores se aprende, como de los éxitos, y como profesionales debemos compartirlos. En el momento actual, sería muy sano hacer una sesión u organizar unas jornadas para compartir lo que no hay que hacer, explicar con claridad en qué nos hemos equivocado; de este modo evitaremos situaciones difíciles al compañero que viene detrás. Para mí, la clave, lo más importante, lo que nos consagraría como archiveros de verdad, sería compartir los fracasos, esto es, salir de nuestra zona de

confort. Es la única forma de avanzar para hacer frente a nuestro principal reto profesional actual: gestionar el documento de archivo digital.

E: Gostaríamos de agradecer muito por essa entrevista e, também, a sua disposição em compartilhar essa fala com nossos alunos do PPGARQ e com os arquivistas brasileiros.

J.L: Encantado de comentar mis inquietudes con ustedes, y más si es puede ser de interés para los archiveros de Brasil. Muchas gracias.

Transcrição da entrevista: Alejandro Parejo



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA

ISSN 2316-7300

v. 7, n. 1, jul./dez. 2022

www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica

A revista *Informação Arquivística* é um periódico científico eletrônico, de periodicidade semestral, da AAERJ, que contempla a publicação e a divulgação de trabalhos e pesquisas relacionadas ao campo da Arquivologia e suas relações interdisciplinares, no âmbito nacional e internacional.

EDITORA CIENTÍFICA

Beatriz Kushnir

<http://lattes.cnpq.br/1638018999454609>

EDITOR EXECUTIVO

Wagner Ramos Ridolphi

<http://lattes.cnpq.br/8647855399888255>

EDITORAS CONVIDADAS

Mariana Lousada (PPGARQ/UNIRIO)

<http://lattes.cnpq.br/6155301215674644>

Ana Celeste Indolfo (PPGARQ/UNIRIO)

<http://lattes.cnpq.br/8294828055636714>

CAPA

Fotografia da fachada do prédio do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (CCH/UNIRIO), na Urca, Rio de Janeiro, sede do PPGARQ. Fonte: Coordenadoria de Comunicação Social da UNIRIO (COMSO/UNIRIO).

REVISÃO DOS TEXTOS

Vera Lúcia Hess de Mello Lopes

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Alejandro Parejo



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>



Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ)

Avenida das Américas, 4200, bloco 01, sala 305, Barra da Tijuca

CEP 22640-907 – Rio de Janeiro-RJ

aaerj@aaerj.org.br

www.aaerj.org.br

I43 Informação Arquivística: revista da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ). v. 1, n. 1 (jul./dez. 2012) - Rio de Janeiro: AAERJ, 2012 –

Semestral

ISSN 2316-7300

Versão eletrônica disponível em:

<http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica>

1. Arquivologia - Periódicos. 2. Ciência da Informação - Periódicos. I. Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ).

CDD 020